



Manifestação unitária de 1º de Maio em São Paulo ouve a palavra de João Amazonas

1º de Maio continua a luta pró-diretas

Em todo o Brasil a continuidade da campanha pelas diretas-já foi a tônica dos discursos. E houve um maior nível de unidade. Pág. 8

Conclat e CUT debatem como ir à greve geral

Dirigentes das duas articulações intersindicais concordam em preparar juntos uma paralisação nacional pelas diretas-já. Pág. 5

NEGOCIAÇÃO

Figueiredo monta arapuca para a oposição

O governo Figueiredo diz agora que joga tudo na negociação. Por que? Porque saiu politicamente derrotado depois dos comícios pelas diretas-já e da votação de 25 de abril. E para que? Para continuar no poder, tirar a luta das ruas e isolá-las nos gabinetes de Brasília, bem longe do povo. Não é bem uma negociação mas uma armadilha.

Página 3.



EDITORIAL

Entendimento furado

Quando se fala em negociação, os operários recorrem logo à experiência adquirida com as greves. Com as máquinas paradas é possível dialogar com os patrões. Além disto, qualquer acerto tem que ser discutido e aprovado em assembléia, sem qualquer repressão ou coação policial. Isto é o ABC de qualquer grevista. E, embora em condições diferentes, serve de referência para se compreender a armadilha montada por Figueiredo ao propor o entendimento com a oposição.

O regime militar entrou em franca decomposição. O PDS, partido que foi construído para sustentar o sistema, está irremediavelmente fragmentado. Mais de 50 deputados pedessistas desafiaram abertamente até o general Cruz e votaram a favor da emenda Dante de Oliveira. Enquanto isto, as forças democráticas apresentam rara vitalidade, sustentadas por um vigoroso movimento de massas. Nesta situação, enquanto o povo exige diretas-já, e só pode aceitar discutir em torno desta questão, o regime moribundo quer impor a sua continuidade com um mandato de mais quatro anos, aceitando negociar uma redução deste prazo para dois anos, o que já tomou o nome de "governo tampinha".

O governo quer também mudar o cenário da luta. Pretende transferir a batalha até então travada nas ruas, com milhões participando e discutindo, para dentro do Congresso Nacional, para as cúpulas e os gabinetes.

Ou seja, Figueiredo pretende fazer como os patrões que pedem aos operários que suspendam a greve para negociar. Deseja dobrar as resistências através do cambalacho, das promessas e das ameaças. E depois talvez fazer outra votação, novamente sob o cerco do general Cruz, mas com o agravante da desmobilização das massas.

Mais do que isto, ao propor este tipo de negociação o governo espera dividir as oposições, ofe-

recendo favores no nível regional e até de ordem pessoal, longe do controle do povo, às escondidas.

O fato do governo revogar as medidas de emergência, como demonstração de boa vontade, na verdade significa muito pouco. Tanto assim que a emenda proposta por Figueiredo ao Congresso Nacional, e que constitui a sua base concreta de negociação, não inclui a eliminação deste instrumento fascista da Constituição. Ou seja, houve apenas a retirada tática do rebenque do general Cruz, guardado para outra ocasião.

Esse mesmo no Congresso, na hora da escolha da Comissão Mista para analisar a emenda proposta por Figueiredo e Leitão de Abreu, ficou muito claro qual é o espírito dos donos do poder. Por ordem de cima, o PDS tratou de vetar o nome do deputado Jarbas Vasconcelos, indicado pela oposição para presidente da Comissão. Desta forma, mesmo neste campo restrito, o governo além de não fazer nenhuma concessão de caráter democrático, ainda se julga no direito de escolher qual o representante da oposição. Isto não é uma negociação. É uma farsa.

O povo entende que em certas circunstâncias é preciso negociar. Mas as massas que saíram às ruas nos maiores comícios de nossa história julgam que o teor de qualquer entendimento só pode ser no sentido de encontrar uma saída democrática para a crise política em que o país se encontra. Jamis para permitir o prolongamento do arbítrio.

Ninguém está autorizado a negociar às escondidas, sem o povo mobilizado nas ruas e acompanhando todos os passos. Da mesma forma o povo não autoriza a ninguém negociar qualquer coisa que comprometa o conteúdo essencial da campanha das diretas-já. Qualquer acordo fora destes parâmetros não merece outro nome a não ser traição.



Foto: Luis Carlos Leite

"Eles destroem, nós construímos de novo" dizem os operários, solidários com a TO

Solidariedade ajuda TO na reconstrução

Com apoio de milhares de entidades, personalidades e simples trabalhadores solidários com a luta contra o terror fascista e pelas diretas-já, começou a reconstrução das dependências da Tribuna Operária destruídas no atentado do dia 22. Coletas, bônus e assinaturas de reconstrução garantem os fundos para reparar as consequências do incêndio e do saque.

Domingo dia 29, em São Paulo, um encontro nacional de tribuneiros decidiu dar a resposta merecida aos terroristas: com base no aumento das vendas a Tribuna, a curto prazo, deverá passar a circular com dez páginas. As manifestações de solidariedade política e material e o andamento da reconstrução ocupam a página 7, em caráter especial.



Figueiredo acaba com as frentes de emergência

O povo nordestino foi vítima de mais um atentado do governo: em pleno Dia do Trabalhador, o general Figueiredo suspendeu as Frentes de Emergência Contra a Seca. Com essa medida criminosa, milhares e milhares de trabalhadores rurais, martirizados pela seca que há vários anos castiga o Nordeste, são jogados ao completo abandono, sem nenhuma fonte de rendimentos para sustentar suas famílias.

A decisão desumana do general foi denunciada com veemência nos atos do 1º de Maio no interior da Bahia.

Segundo o deputado estadual baiano Luís Nova, do PMDB, "por conta desse 'presente' do governo, mais de 6 mil lavradores estão na periferia de Juazeiro sem trabalho, gerando um clima de tensão".

O parlamentar denunciou que o regime militar, além de não resolver os problemas da seca real, causada pela falta de chuvas, ainda é responsável pela "seca verde", ao suspender as frentes de serviço, não liberar as sementes reclamadas pelos camponeses e não conceder crédito para o plantio.

Presidente da UNE relata sua prisão

Acildon Pae escreve para a TO como foi preso e enfrentou a selvageria do general Cruz em Brasília. Leia na página 3.



Cacique Raoni, líder da revolta indígena

Grandes lutas reforçam o Congresso da UBES

Secundaristas se reúnem, dia 10 em Osasco, com um rico balanço de lutas na campanha por eleições diretas. Página 5

Txucarramãe depõem grileiro da Funai

Rebelião dos índios conquistou na marra substituição do amigo de Andrezza. Pág. 4

Pompa e demagogia chinesa na visita de Ronald Reagan

No dia 1º de Maio, Reagan encerrou sua visita de seis dias à China. Recebido com muita pompa, o chefe imperialista ianque obteve no país de Mao Tsétung pontos eleitorais para a sua campanha à reeleição nos EUA e consolidou os laços de dependência do regime revisionista chinês.

O Departamento de Estado dos EUA apresentou os entendimentos de Ronald Reagan com os chefes do governo chinês, Zhao Ziyang, Deng Xiaoping, e o presidente Li, como exemplo da maturidade e da boa vontade do presidente norte-americano, bem como do caráter "pacífico" de sua diplomacia.

Os EUA sabem que não estão lidando com um país comunista. De há muito a China segue uma via capitalista de desenvolvimento, hoje dando grande ênfase ao capital estrangeiro. As divergências com Pequim não constituem o aspecto dominante das relações entre os dois países.

ENCENAÇÃO HIPÓCRITA

Os chineses combinaram a pompa dedicada ao "ilustre" visitante com uma série de gestos e declarações previamente ensaiados e esperados pela comitiva ianque, sobre Formosa e outros temas, como a instalação dos euromísseis e a tensão na América Central. Hipocritamente os revisionistas condenaram a corrida armamentista, defenderam o "desarmamento geral". Co-roando a encenação, censuraram algumas declarações do presidente dos Estados Unidos sobre os "benefícios" do capitalismo e contra os soviéticos: no pragmatismo chinês o capitalismo pode ser restaurado, mas não deve ser claramente enaltecido, ao menos em Pequim.

Mas enquanto disseram que se opõem ao agravamento da situação na península coreana, silenciaram



Ronald Reagan ao lado do parceiro chinês, presidente Li, em Pequim

sobre a necessidade de seus amigos ianques retirarem os 40 mil soldados que mantêm na Coreia do Sul. E na fronteira com o Vietnã, a China continua concentrando tropas visando a novas agressões armadas.

Diante do descrédito da política externa norte-americana junto aos povos, a China frisa que seus laços com os EUA são de amizade, e não de aliança. Por outro lado, procura tirar vantagem da exacerbação da rivalidade interimperialista entre EUA e URSS, e da vulnerabilidade da Europa, ocupada por mísseis nucleares e ameaçada pelas tropas da OTAN e do Pacto de Varsóvia.

A China busca aparecer como país que pratica a boa política e, portanto, merecedor da ajuda e da amizade de todos.

DEPENDÊNCIA HUMILHANTE

O fato é que a visita de Reagan, em retribuição à que o primeiro-ministro Zhao Ziyang fez aos EUA em janeiro, estreitou ainda mais os laços de dependência econômica e tecnológica que hoje prendem a China à economia capitalista ocidental. Foram criadas maiores facilidades para a atuação das empresas estrangeiras. O fato novo foi a assinatura de um acordo nuclear (veja vox). (José Reinaldo Carvalho)

Acordo Nuclear trai povo chinês

Reagan passou uma semana na China, reforçando o ciclo iniciado pela visita de Nixon. Se o encontro entre Nixon e Mao foi chamado de "diplomacia do pingue-pongue", desta vez o nome mais próprio seria "diplomacia do rugby", este jogo violento tão ao gosto dos norte-americanos.

O ponto alto da viagem de Reagan foi a assinatura de um Acordo Nuclear que envolve a cifra astronômica de 20 bilhões de dólares e abre caminho para uma perigosíssima dependência energética da China, sem falar no brutal endividamento em dólares.

Pelo acordo — ou pelo que dele escapou na imprensa — a China perde sua soberania, permitindo a fiscalização e o controle dos norte-americanos sobre os reatores (de dez a doze).

Do lado do imperialismo norte-americano o acordo vem a calhar. Serve para reativar ponderáveis setores da indústria pesada, que vivem com capacidades ociosas bem acima de 60%. Afinal, a indústria nuclear norte-americana tem sido bloqueada por terríveis acidentes, pela recessão econômica e por um amplo movimento de protesto contra a poluição, deflagrado pelo povo norte-americano.

O entreguista Deng Xiaoping, demonstrando que ostenta o título de comunista apenas para iludir os chineses, encaminha a China para uma rápida integração na lista das neocolônias de Washington.



Foto: L. Carlos Leite

Ajude a Tribuna Operária

**Trabalhador!
Democrata!**
Responda ao ataque dos fascistas à Tribuna Operária.
Faça uma assinatura do jornal. Se não puder fazer a assinatura de reconstrução, faça uma assinatura simples. Precisamos de seu apoio político e material.

Desejo receber em casa a Tribuna Operária. Envio cheque nominal à Editora Anita Garibaldi Ltda., no valor abaixo assinalado. Rua Adoniran Barbosa, 53, Bela Vista, São Paulo, SP, CEP 01318.

Assinatura de Reconstrução:
Cr\$ 30 mil ()

- () Anual de apoio (52 edições) Cr\$ 20.000,00
- () Anual comum (52 edições) Cr\$ 10.400,00
- () Semestral de apoio (26 edições) Cr\$ 9.000,00
- () Semestral comum (26 edições) Cr\$ 4.500,00
- Anual no exterior US\$ 70,00

Nome:

Endereço:

Bairro: Cidade:

Estado: CEP:

Profissão: Data:

PCUS reajusta programa revisionista

Encabeçada por Constantin Tchernenko, presidente da URSS, uma Comissão Especial do Comitê Central do Partido "Comunista" da União Soviética está elaborando um novo programa partidário. Segundo Tchernenko, ele será mais "realista" do que o elaborado em 1961 sob a batuta de Kruschov, ainda em vigor.



Tchernenko, à frente do novo programa

A necessidade do novo programa deve-se, segundo o próprio Tchernenko, a "contradições que surgiram entre certas teses do programa atual e o curso real da evolução socialista". Que ninguém se iluda, pois o que está em pauta entre os revisionistas soviéticos não é o abandono das teses anti-socialistas aprovadas em 1961, mas um reajuste nas suas previsões, já que estas nunca se concretizaram.

DEGENERAÇÃO CAPITALISTA

Fatos como este fazem parte do processo de degeneração capitalista da URSS que compreende algumas etapas. Na primeira, entre 1953 e 1960 (após a morte de Stálin), os revisionistas soviéticos, com Kruschov à frente, tomaram a direção do

Partido e do Estado. Foi a época das pressões e perseguições aos comunistas fiéis ao Programa e às idéias de Lênin e Stálin, da primeira grande reforma de descentralização da economia socialista na URSS, da reabilitação do revisionismo titista (condenado por Stálin e por todo o movimento comunista), quando se abriram os caminhos para a degeneração da economia. Foi a época do XX Congresso do PCUS, com suas teses anti-

marxistas da "passagem pacífica para o socialismo", da "coexistência pacífica" antileninista, da "competição pacífica com o capitalismo", dos ataques a Stálin e ao socialismo sob o disfarce de combate ao culto à personalidade. Todas estas teses foram desmascaradas pela própria evolução dos acontecimentos.

DOMÍNIO DA FORÇA BRUTA

Após esta etapa, os revisionistas soviéticos atuaram de forma mais intensa e mais aberta. Chegaram a codificar seus pontos de vista teóricos antimarxistas. Ponto alto desta etapa foi a elaboração do programa aprovado no XXII Congresso, contendo teses antioperárias do "partido de todo o povo" e do "Estado de todo o povo". Estas foram "justificadas" com a apresentação de promessas completamente fora da realidade. Diziam que não era mais necessário o partido operário, pois o socialismo estava numa fase na qual era impossível o retrocesso. Diziam que os países capitalistas "adeririam" ao socialismo simplesmente por observar o exemplo soviético, não necessitando da revolução. Prometiam mundos e fundos ao povo soviético.

Porém, na segunda metade dos anos 60, começaram a se manifestar na URSS as mazelas do capitalismo. O ritmo de crescimento da economia começou a cair, os planos passaram a não ser mais realizados, os preços dos alimentos começaram a subir, teve início a importação de trigo e demais produtos agrícolas. Impossibilitados de continuar seu domínio através de promessas vazias, os revisionistas apelaram para a força bruta. O país passou ao social-fascismo no plano interno e social-imperialismo na política externa.

No programa em elaboração, pretende-se manter toda a orientação que levou a URSS à situação atual: crise econômica, opressão política, ataques armados a outros países, preparação de guerras... Pretende-se somente alterar os números na tentativa de evitar o completo descrédito para o qual caminha a direção soviética. Até Tchernenko afirmou que no novo programa "serão evitados os aspectos quantitativos". Portanto os objetivos não serão claramente definidos. Em outras palavras, prossegue o caminho de traição à classe operária. (Agenor Silva)

Secundaristas brasileiros apóiam luta dos uruguaios

O presidente da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES), Apolinário Rebelo, esteve no final do mês de abril no Uruguai, com a delegação brasileira que participou da comemoração dos 55 anos de fundação da Federação dos Estudantes Universitários do Uruguai-FEUU. De volta ao Brasil, ele relatou à TO a sua viagem ao país vizinho:

"A FEUU atua hoje na clandestinidade, assim como a Federação dos Estudantes Secundaristas. Essas entidades encaminham a resistência estudantil à ditadura militar que domina o país desde 1973... Universitários e secundaristas combinam a atuação nessas entidades forçadas à clandestinidade com a ação na sua entidade conjunta de representação legal, a Associação Social e Cultural dos Estudantes de Ensino Público-ASCEEP.

"Nossa viagem foi uma oportunidade especial de aproximarmos a luta dos estudantes brasileiros com a dos uruguaios, trocamos experi-

ências e também convidá-los para o XXIII Congresso da UBES. A delegação brasileira era formada pela UBES, PMDB Jovem-RS e pela cantora Priscila Camargo. Lá encontramos delegações do Panamá, Chile e Argentina.

"O momento mais importante da visita foi o ato político, em recinto fechado, que reuniu mais de 300 universitários e secundaristas. Na oportunidade, a UBES condenou a perseguição às entidades estudantis e sindicais do país, exigindo anistia irrestrita e o fim do regime militar do general Gregório Alvarez, sustentado pelo imperialismo ianque e apoiado pelo governo brasileiro. No fim da manifestação, nossa delegação apresentou músicas brasileiras, e os uruguaios cantaram melodias em que reafirmavam a luta pela liberdade.

"Os secundaristas uruguaios lutam pela construção de grêmios estudantis autônomos, pela melhoria do ensino, realizam atividades culturais e esportivas e exigem a legalização da FES. Naqueles dias, eles



Manifestação estudantil no Uruguai em 1983: contra a ditadura, por anistia

participavam também da preparação do 1º de Maio unitário, contra a política entreguista e repressiva da ditadura militar local.

"Para nós, ficou-nos a impressão de um amadurecimento na compreensão do momento vivido por aquele país, da crise econômica, social

e política e da necessidade de manter bem alta a luta contra a ditadura e pela anistia. O povo uruguai não aceitará pagar uma crise que não criou e mostrará em grandes ações de massas sua disposição de colocar fim ao reinado dos generais".

CDM
Centro de Documentação e Memória
Maurício Grabois

UNE relata violências na prisão

Depois de passar cinco dias preso em Brasília, Acildor de Matos Pae, presidente da União Nacional dos Estudantes (UNE), foi liberado na tarde do último dia 2. Ameaçado de nova detenção, Pae não se intimida e promete participar de novas manifestações estudantis pró-diretas. Ele concedeu um depoimento a *Tribuna Operária*, com exclusividade.



Pae: preso e agredido

“Na manhã do dia 27 realizou-se uma assembléia da Universidade de Brasília, com 1.500 estudantes à qual fui convidado como presidente da UNE. Ao final foi decidido por unanimidade realizarmos uma passeata exigindo: suspensão das medidas de emergência; diretas-já e demissão do reitor da UnB, malufista e inimigo da comunidade universitária.

“A passeata transcorria em clima calmo, conquistando adesões e simpatia dos populares. Quando já terminava, houve uma violenta repressão. Os policiais, todos a

paísana, atiraram bombas de gás lacrimogênio e dispararam vários tiros. As maiores vítimas das bombas foram jovens entre 10 e 15 anos que estavam no pátio da Escola de 1º e 2º Grau Ceac.

“Quatro policiais prenderam-me de maneira brutal, jogando-me no chão três vezes, dando socos e pontapés. As 14 horas, depois de muita resistência, fui dominado, algemado e jogado no interior de um fusca amarelo, onde

ainda fui agredido na cabeça por três agentes da polícia. Fiquei bastante ferido na cabeça, pescoço, cotovelo, punho e joelho. Já na sede da Superintendência da Polícia Federal soube que a UnB fora novamente invadida pelas tropas de choque, com seis colegas presos. Quatro foram libertados às duas horas da manhã do dia 28. Após responder interrogatórios, ficamos presos eu, o Zolacir Trindade e o Francisco Coelho. Juntos fomos indiciados no artigo 22 da Lei de Segurança Nacional.

“SEM DIREITO A NADA”

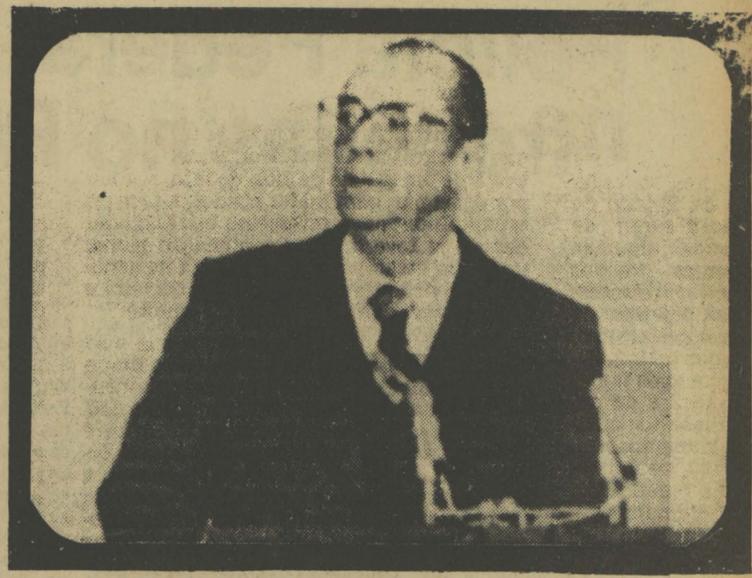
“Às 16 horas o general Newton Cruz veio à nossa sala, muito agressivo. Quando lhe perguntei se poderia telefonar aos meus advogados, ouvi os gritos do general: Você não pode nada. Não tem direito a nada. Eu sou o executor das medidas de emergência e digo que você não tem direito a nada. Ainda resmungou: Para me desmoralizar desta vez, vão ter que pagar muito caro. Fomos bastante ameaçados neste primeiro dia de prisão. Não co-

mos nada o dia inteiro. Até a chegada dos advogados, às 23 horas, ficamos sentados no chão. Apesar de machucados, não pudemos ir ao médico. Ficamos completamente incommunicáveis e prestamos intermináveis depoimentos. Só fomos dormir por volta das quatro horas da manhã.

“Os comunicados feitos pelo general Cruz e pelo porta-voz do Planalto sobre a nossa prisão são completamente mentirosos. Dizem que os policiais, educadamente, conversaram com os estudantes, aconselhando a não realização da passeata. Relatam que os estudantes agrediram a pedras os policiais que ‘agiram em defesa própria’ prendendo-nos. Contam tudo isto como se não existissem fotos e testemunhas que desmentem estas versões. Como se nós todos não conheçêssemos os métodos brutais da repressão.

Os comunicados do general Cruz afirmam que a UNE é ilegal. No mínimo o general é mal informado. A UNE não é ilegal, na verdade ela somente não é reconhecida por este governo. Mas é reconhecida e respeitada pelos estudantes. Ilegal, ilegítimo e irresponsável é este governo dos generais que aí está contra a vontade do povo. Provocadores são os órgãos de repressão que prendem pessoas pelo simples fato de vestirem camisas amarelas, buzinares seus carros. Provocador é o general Newton Cruz.

“Nossa luta continua. Nem o presidente da UNE, nem toda a diretoria da entidade, nem o conjunto dos estudantes se deixaram intimidar com estas agressões. Lutaremos ainda com mais vigor do que nunca para conquistar o fim do regime militar. Nos empenharemos ainda mais na campanha pelas diretas-já” (Acildor de Matos Pae, presidente da UNE)



Na televisão, dia 30, um apelo ao “entendimento” mas sem ceder no mais importante

A negociação de Figueiredo é uma armadilha

Segunda-feira o general Figueiredo faz um chamamento, pela TV, ao “entendimento e cooperação”. Quarta-feira suspende as emergências em Brasília. Quinta-feira visita o governador Tancredo Neves em Minas. A palavra *negociação* volta à moda, como fórmula mágica e salvadora. Mas a negociação que o Planalto propõe nada resolve. É um blefe. É uma arapuca.

Uma amostra eloqüente da falsidade palaciana foi o veto imposto pelo PDS, na quarta-feira, ao nome do deputado peemedebista Jarbas Vasconcelos para presidir a comissão mista do Congresso encarregada do exame da emenda Figueiredo. É conhecida a norma já tradicional no Congresso; o PDS indica o relator das comissões, e a oposição aponta o presidente. Mas os governistas acusam Jarbas Vasconcelos de “radical” — o que em bom português significa democrata de convicções firmes. E impugnam seu nome. Que negociação é esta então, em que os donos do poder se arrogam o direito de escolher até quem deve ser o seus interlocutores?

A atitude governista reflete incapacidade — e incompetência — para enfrentar a situação atual. Por um lado o general Figueiredo não cede ao clamor de 95% dos brasileiros, em favor das diretas-já. Por outro, já que não tem como impor seu projeto continuista, acena para os políticos da chamada oposição confiável pedindo cooperação.

O grande objetivo, o sonho dos donos do poder neste momento é esfriar o movimento das massas nas ruas e transferir a crise sucessória para os gabinetes, onde fica mais fácil usar a chantagem e a corrupção para fazer vingar sua tese.

O COLÉGIO JÁ MORREU

Ocorre que uma coisa são os sonhos, e outra a realidade. Na primeira batalha pelas diretas-já, em 25 de abril, o governo saiu politicamente derrotado. Basta lembrar que a votação na Câmara registrou 298 votos a favor das diretas-já, apenas 65 contra e 116 ausências e abstenções. Junto com o governo os “presidenciáveis” do PDS, principalmente Paulo Maluf e Mário Andreazza, ficaram praticamente fora do baralho. O próprio Colégio Eleitoral foi enterrado em cova profunda. E o Grupo Pró-Diretas do PDS, com 55 deputados federais, passou a funcionar na prática como um novo partido de oposição, deixando o governo em minoria.

Ao lado disto, o povo se fortaleceu.

Que ninguém se engane com a trégua dos últimos dias, natural e inevitável. A safra das grandes manifestações de massas está longe de acabar.

O debate sobre os grandes temas políticos caiu nas ruas. As massas sentiram que têm condições concretas de influir no processo de transformações que o país reclama. Cresceu o sentimento de unidade e de luta entre os brasileiros. Ficou patente para grandes contingentes populares, antes apáticos, que é urgente dar um basta ao reinado dos generais.

A campanha por eleições diretas-já exprime um anseio generalizado por transformações profundas, de que o país necessita para sair da crise.

Embora sem colocar de imediato a revolução na ordem do dia, ela deixou evidente o antagonismo entre o governo e o povo. Mostrou que a solução dos problemas maiores do Brasil depende fundamentalmente da mobilização das grandes massas trabalhadoras da cidade e do campo.

MOMENTO DE REFLEXÃO

Isto o general Figueiredo não quer ver. Embora cheio de promessas, disse que o limite máximo que se dispõe a “transigir” é quatro anos de mandato para um sucessor indireto. Quando muito, comenta-se à boca pequena, ele toleraria dois anos. Mas em relação às diretas-já, que o povo exige, o diálogo é com o general Cruz, como se viu nas emergências.

Depois da refrega do 25 de abril, o povo passa por um momento de reflexão. Muitos não pensavam que o governo fosse tão longe no seu desprezo à opinião pública. Mas a rejeição da emenda não resolveu o impasse político. Longe disto, complicou ainda mais as coisas. E as massas logo retomaram sua marcha.

A vitória talvez seja conquistada através de choques sucessivos e não num único embate. Mas o povo já aprendeu que é sua presença nas ruas que pode impedir acordos antidemocráticos forçados nos bastidores.



Passeata dos estudantes da UnB foi dispersada com bombas e tiros da Polícia Federal

Brasília resistiu ao general Cruz

O general Figueiredo suspendeu no dia 2 as medidas de emergência sobre Brasília e os dez municípios goianos. Mas o rastro de violência e arbitrariedade deixado por elas não será facilmente esquecido. As medidas só serviram para que o truculento general Newton Cruz expressasse todo o rancor militar frente à mobilização do povo pelas diretas-já.

Durante todo o período das emergências, mesmo enfrentando o volume de poderes de que estava munido o general Cruz, a população do Distrito Federal expressou energeticamente seu desejo de diretas-já e contra as medidas de exceção. Dias antes da votação da emenda Dante de Oliveira, estudantes foram às ruas em grande passeata, que acabou sendo violentamente reprimida pelo próprio general, quando todos já se dispersavam.

No dia 24, véspera da vo-



O Congresso sob o cerco dos comandados do general Newton Cruz, executor das “emergências”

tação, o Comitê Pró-Diretas marcou uma grande barulheira para o horário de saída do trabalho. Como se orquestrados por invisível maestro, milhares de automóveis acionaram suas buzinas, fazendo um alarido nunca visto na capital do país. Donas de casa, de suas residências, gritavam, batiam panelas, soltavam foguetes. Muita

gente participou de comícios-relâmpagos nas ruas, provocando escaramuças com a repressão, completamente zonza com a manifestação inusitada.

AGRESSÃO MILITAR

Universitários e secundaristas (veja matéria na pág. 5) destacaram-se no enfrentamento à repressão. Na noite de 24, diante do Congresso,

os estudantes ouviram um pronunciamento do deputado Ulysses Guimarães, presidente do PMDB, e quando saíram foram agredidos pelas tropas comandadas pessoalmente pelo executor das emergências, general Cruz. Mesmo assim, no dia seguinte uma grande massa se deslocou para o Congresso Nacional, ansiosa de acompanhar a votação das diretas-já.

A derrota da emenda não arrefeceu a mobilização popular. Estudantes mantiveram a greve na UnB e no CEUB, forçando as direções dessas instituições a decretar recesso escolar. A polícia atacou uma passeata estudantil, prendendo o presidente da UNE, Acildor Pae, e outros universitários (veja matéria ao lado).

RESISTÊNCIA HISTÓRICA

A resistência às medidas de emergência já entrou para a história dos movimentos populares e democráticos de Brasília. Embora contando com a adesão de todos os setores sociais, esta luta teve uma participação destacada do movimento estudantil. Isto serviu para revigotar os estudantes brasilienses, principalmente os secundaristas, que mostraram elevado nível de mobilização, contribuindo para fortalecer a luta pela reorganização de suas entidades representativas, como a FEUB e UMESB. (da sucursal)

Oposição vai processar o general

A Comissão Executiva Nacional do PMDB decidiu encaminhar ofício ao presidente da Câmara Federal, deputado Flávio Marcellio, solicitando que sejam tomadas providências legais para processar o general Newton Cruz, executor das medidas de emergência, por crime de abuso de autoridade e desrespeito à Constituição. O general determinou a prisão dos deputados federal Aldo Arantes (PMDB-GO) e Jacques Dornellas (PDT-RJ), na véspera da votação da emenda Dante de Oliveira.

O ofício assinala que a prisão dos parlamentares constituiu uma violação clara do artigo 32 da Constituição, que define a inviolabilidade dos mandatos parlamentares: “Desde a expedição do diploma até a inauguração da legislatura seguintes, os membros do Congresso Nacional não poderão ser presos, salvo mediante crime inafiançável, nem processados criminalmente sem prévia licença de sua Câmara”, diz a Carta Magna.

Para a direção do PMDB, ao determinar a prisão dos deputados e admiti-la em nota oficial do Comando Militar do Pla-

nalto, o general Cruz desrespeitou um preceito constitucional e atingiu a todo o Poder Legislativo. Assim, a nota oficial constitui prova legítima do ato arbitrário cometido pelo general, tornando-o passível de sofrer as sanções jurídicas, seja por abuso do poder, seja por desrespeito à Constituição.

A presidência da Câmara encarregou o primeiro vice-presidente, deputado Paulino Cícero (PDS-MG) de apurar as circunstâncias em que ocorreu a prisão e dar um parecer sobre o pedido da Executiva do PMDB. Caso a Câmara não inicie o processo, os líderes dos partidos oposicionistas estão dispostos a entrar com uma ação judicial contra o general Cruz. Para o deputado Aldo Arantes, a Câmara Federal não pode ficar omissa neste episódio: “O general Newton Cruz ofendeu a todo o Poder Legislativo, violou o preceito constitucional da imunidade parlamentar e cometeu um ato arbitrário passível de punição legal. Responsabilizá-lo judicialmente por este ato é um dever de todos nós. O que está em jogo são as prerrogativas e a autonomia da instituição”. (da sucursal)

Homenagem a Jayme Guimarães, defensor dos presos políticos

Faleceu na madrugada do último dia 27, aos 67 anos de idade, o advogado Jayme Guimarães, vítima de derrame cerebral. Conhecido como o “Sobral Pinto da Bahia”, o dr. Jayme destacou-se como advogado que teve o maior número de processos em defesa dos presos políticos, sem nunca ter cobrado pelos seus serviços. Nascido em Valença, no interior baiano, viveu e morreu pobre, apesar de ter exercido os mais significativos cargos públicos no Estado, sempre com humildade e honradez.

Desde o golpe militar até a anistia em 1979, defendeu inúmeros presos políticos. Também prestou ajuda aos presos comuns vítimas de torturas e arbitrariedades. Mostra de sua coragem, ameaçou entrar com pedido de prisão contra o juiz da Auditoria Militar da VI Região, em Salvador, que tentava adiar a soltura de presos políticos. Em agosto de 1981 defendeu os oficiais de PM baiano acusados de incitar a greve do setor.

No seu enterro compareceram as mais importantes personalidades da comunidade baiana e vários ex-presos políticos divulgaram uma nota homenageando-o: “Hoje, quando o país, apesar de tudo, respira um clima de maior

liberdade política, é necessário lembrar a solidariedade, a sabedoria e a coragem de Jayme Guimarães. Ele soube durante toda a vida defender a liberdade, mesmo e principalmente, nos dias em que o Brasil se encontrava submetido ao mais absoluto terror da ditadura”. (da sucursal)



Jayme Guimarães: “o Sobral Pinto baiano”

Polícia Federal faz tropelias no Rio

Arrombamentos, prisões e saques foram o resultado de dois dias de tropelias e arbitrariedades cometidas pela Polícia Federal no Rio. No dia 26 de abril, os agentes policiais arrombaram um centro de artes gráficas, prenderam várias pessoas e as processaram na Lei de Segurança Nacional. O povo, as entidades democráticas e o governador posicionaram-se contra estes atentados.

A ação da Polícia Federal tentava envolver a **Tribuna Operária** com a Comissão pela Legalidade do PC do Brasil, o Comitê Pró-Diretas, determinados sindicatos e o próprio governo estadual numa gigantesca farsa. A arapuca fascista foi montada na concentração pela continuidade da campanha das diretas-já que se realizou na Cinelândia, dia 26. Desde cedo havia um mar de provocadores e agentes na área que ostentavam símbolos do esquadrão da morte e incitavam o povo a depredações. No final do ato os agentes federais começaram o festival de prisões e violência.

O primeiro a ser preso foi o menor Cristiano Paixão. Ele foi seqüestrado sem que ninguém visse. Às 20h30m, dois agentes tentaram invadir o Centro de Artes Gráficas, na rua Senador Dantas, e prender três rapazes que se encontravam nas proximidades. Um deles conseguiu escapar e avisar o comando da concentração que estava se encerrando. Imediatamente se formou uma comissão de entidades e parlamentares que se dirigiu para o local da invasão.

PRISÃO ILEGAL
Ao chegar no edifício, os dois rapazes já haviam sido presos. O diretor-responsável pelo Centro de Artes Gráficas, Carlos Cardoso Alonso Quintão, estava sendo levado por três agentes federais. A comissão, que incluía o vereador Aloísio de Oliveira, do

PDT, os deputados estaduais Liszt Vieira e Lúcia Arruda, do PT, e o assessor do Secretário de Justiça do Estado, José Carlos Tortima, questionou a legalidade da prisão. Contudo a própria comissão ficou presa pois a Polícia Federal trancou a saída do edifício. Do lado de fora mais de 300 populares cercaram o prédio gritando palavras de ordem para barrar a invasão.

Enquanto isso, sem que ninguém soubesse, a *kombi* do Sindicato dos Bancários foi seqüestrada ao sair da Cinelândia, e seus dois ocupantes — o motorista e um diretor do Sindicato —, presos pela Polícia Federal. A manifestação aumentou em frente ao prédio da gráfica e a comissão foi "libertada". O presidente da Câmara Municipal, Maurício Azezo, foi contatado e imediatamente enviou telegramas ao ministro da Justiça e ao diretor-geral da Polícia Federal denunciando a violação às garantias individuais e aos poderes do Estado e do município do Rio de Janeiro.

POVO VAIA A PF

A comissão, reforçada pelo próprio Maurício Azezo, pelo vereador "Pererinha", do PDT, e pelo deputado estadual Godofredo Pinto, do PMDB, negociou com o delegado da Polícia Federal o fim do cerco ao Centro Gráfico. O delegado se comprometeu a retirar os agentes, sustar a invasão da sala e soltar os pre-

sos. Já passava da meia-noite quando os agentes federais saíram vaiados e escoraçados do local pela multidão. Um guarda da PM foi deixado na porta da sala para garantir a sua inviolabilidade.

A Polícia desrespeitou o acordo e os presos não foram soltos. Para piorar a situação, às 5 horas da manhã trinta agentes federais voltaram à sede do Centro Gráfico com o diretor-responsável algemado. O guarda da PM ainda tentou resistir à invasão mas o delegado da Polícia Federal disse ter ordem do Secretário da Segurança. O diretor da gráfica, Carlos Quintão, alertou o guarda que isso não era verdade e foi espancado pelos agentes. Em seguida estes arrombaram a porta e saquearam todas as dependências.

INDICIADOS NA LSN

Os quatro adultos presos foram indiciados na Lei de Segurança Nacional. Todos foram soltos por volta das 18 horas da sexta-feira, 27. Terminaram sendo despejados em Irajá na *kombi* do Sindicato, que teve seus pneus furados, o cabo da bobina retirado e sua aparelhagem de som roubada. Os detidos foram vítimas de inúmeras torturas psicológicas e ameaças de agressão.

Tanto o Sindicato dos Bancários como o Centro de Artes Gráficas vão entrar na Justiça com processos para restituir seus materiais roubados. O Sindicato dos Jornalistas soltou nota de protesto contra a ação da Polícia Federal. O próprio governador do Estado, Leonel Brizola, divulgou nota oficial denunciando a interferência da Polícia Federal. (da "ucursal")

José Duarte comemora na luta 60 anos de militância

Neste 1º de Maio, o dirigente comunista José Duarte completou 60 anos de seu ingresso nas fileiras do Partido Comunista do Brasil, de onde nunca saiu. Uma militância marcada por 34 prisões, 15 anos de cárceres e 22 de clandestinidade. Aos 77 anos o velho Duarte mantém a mesma firmeza que o caracterizou ao longo de todos esses anos.

José Duarte parece achar que é muito natural essa sua trajetória de lutas que desperta a admiração de todos os que o conhecem: "É o cumprimento do dever de um operário que luta em defesa de sua classe, dos interesses do povo e da independência da nação. Foi isso que motivou estes 60 anos e continuará motivando os que vierem pela frente", afirma.

Mas a luta do ferroviário José Duarte começou muito cedo. Na famosa greve geral de 1917 em São Paulo, com apenas 10 anos, ele já ajudava a carregar bombas para os operários se defenderem da polícia.

Já no Partido, no qual ingressou em 1924, dois anos após sua fundação, ele participou da "coluna da Morte" do tenente Cabanas, parte integrante da Coluna Prestes-Miguel Costa, e da Revolução de 1930.

Em meados de 1934, enfrentou os integralistas na rua. Em Bauru, houve um embate famoso no qual cerca de 1.500 pessoas organizadas por ele no Sindicato deram uma surra nos fascistas de Plínio Salgado. Nunca mais os integralistas tiveram coragem de usar a camisa verde.

Entre suas diversas prisões, Duarte considera que quatro fo-



Na sucursal da TO em Salvador, autografando um livro

ram as mais difíceis, duas delas no Estado Novo. Em 1945, beneficiado pela anistia, logo ao sair da prisão foi ajudar a organizar o Movimento de Unificação dos Trabalhadores, MUT, no Rio de Janeiro, promovendo grandes comícios.

Duarte nunca arrefeceu. Organizou grandes campanhas de finanças para a imprensa do Partido. Em três delas foi o campeão de arrecadação de fundos. No início da década de 50, defendeu com arma na mão a gráfica do jornal "Notícias de Hoje" contra tentativa de invasão da polícia.

A PIOR PRISÃO

Embora nem tudo tenha sido rosas, Duarte passou pelos espinhos com coragem e firmeza. Na última prisão, por exemplo, ficou encarcerado quatro anos e três meses, submetido às piores torturas. Ele conta: "Fui preso em Salvador, em 16 de outubro de 1972. Me levaram para a 7ª Região Militar. Apanhei a noite toda, intermitentemente. No dia seguinte, fui para a Polícia Federal. De lá fui transferido para o DOI-CODI, em São Paulo, na rua Tutóia. Lá fui para o paudará, levei choques, telefone e uma coisa nova que não conhecia, que eles chamam tempestade. Botam a gente num tambor metálico e ficam rodando. Isso durou quase quatro meses".

Foi aí que Duarte enfrentou um dos piores momentos de sua vida: ouviu uma mãe gritando para que seu filho não fosse torturado, numa cela próxima. O

choro do bebê o persegue até hoje. Ele, que resistiu impavidamente às torturas, chora ao lembrar o evento.

A incomunicabilidade só foi quebrada no Ceará, após 61 dias de prisão e 16 de hospital, consequência das torturas. Lá, pesando 52 quilos, (ele mede 1,76 metro) participou de uma greve de fome.

LUTA DE IDÉIAS

Duarte também travou duros combates ao nível das idéias, ficando sempre ao lado do proletariado, com um sentimento de classe aguçado. "A primeira luta que enfrentei foi contra os fracionistas em 1937 — conta. Fui preso enquanto ela prosseguia. E no cárcere enfrentamos as idéias antipartido de Browder. Éramos 384 presos. Só cinco ficaram em defesa do Partido.

"Em 1956 começou a maior luta ideológica que já enfrentamos. Tenho a honra de ter sido o primeiro 'expulso' do PCB, o novo partido criado com novos Estatutos, novo Programa e novo nome, sem nunca ter ingressado em suas fileiras! Na época, eu era do Comitê Distrital do Tatuará, com cerca de 2.500 militantes. Só um ficou com os reformistas". Duarte é muito querido por seus companheiros. No dia em que completava 60 anos de militância foi cumprimentado por um sem-número de pessoas. Ele, tão implacável com os inimigos, se emocionou. Uma característica do "velho", que é muito emotivo. (Olívia Rangel)



Os índios txucarramãe preparados para a guerra em defesa de suas terras, na Reserva Indígena do Xingu

Cai presidente da Funai e txucarramãe comemoram

Os índios txucarramãe, da reserva do Xingu, conseguiram derrubar o presidente da Funai, Otávio Ferreira Lima. A notícia foi anunciada dia 30 de abril aos nove líderes xinguanos que estavam em Brasília. Há 34 dias que os txucarramãe interditaram a estrada Cuiabá-Santarém e fizeram vários reféns exigindo a demarcação de suas terras e a substituição de Ferreira Lima.

Na semana passada, nove líderes da Reserva Indígena do Xingu foram até Brasília e junto com o deputado Mário Juruna (PDT-RJ) se reuniram com os ministros Danilo Venturini, dos Assuntos Fundiários, e Mário Andreazza, do Interior. Os índios exigiam a demarcação de 40 quilômetros de terras à sua reserva e a destituição do presidente da Funai. Para os txucarramãe era questão de honra a saída de Ferreira Lima da Fundação Nacional do Índio, que se reunia secretamente com fazendeiros da região mas se negava a discutir com os índios a questão das terras. Diante da posição irredutível dos xinguanos, os dois ministros recuaram, demitindo Ferreira Lima, e prometeram iniciar a demarcação de parte das terras reclamadas por eles.

ÍNDIOS EM PÉ DE GUERRA

Este último conflito se iniciou no dia 23 de março, quando os txucarramãe, sob a chefia do cacique Raoni, seqüestraram a balsa que faz a travessia do rio Xingu e interditaram a rodovia Cuiabá-Santarém. Os índios usaram este fato para exigir a demarcação de terras ao norte da reserva. Diante da negativa do presidente da Funai em atendê-los, os indígenas fizeram vários reféns que trabalha-

vam na Reserva e passaram a reivindicar a demissão de Ferreira Lima.

Durante o II Encontro dos Povos Indígenas do Brasil, realizado em Brasília no início de abril, a Funai foi duramente criticada pelos 450 índios presentes. Ao invés do diálogo, o governo mandou tropas armadas de metralhadoras e cães cercar os prédios da Funai e do Ministério do Interior, temendo a chegada dos silvícolas. Nesta época foi encaminhado um documento ao general Figueiredo exigindo a saída de Ferreira Lima, que estava na presidência da Funai há nove meses.

CABIDE DE EMPREGOS

Segundo os líderes indígenas, a Funai serve mais como cabide de emprego para os militares — principalmente coronéis — onde campeia a corrupção, sem que seus problemas sejam resolvidos. Um desses coronéis da Funai, Cláudio Pagano, teve a ousadia de afirmar em uma palestra o seguinte: "Hoje nós temos que pensar no progresso. Os fazendeiros penetram nas áreas não demarcadas onde já existem 80 títulos de terras distribuídos pelo Inera. Em julho do ano passado houve um movimento semelhante, quando os índios cajabi seqüestraram um avião e conseguiram o afastamento de 23 coronéis da Funai.

Indiretistas receberão o "Troféu Silvério dos Reis"

No parlamento, a indignação popular contra os deputados, que votaram contra, ou se ausentaram na votação da emenda das diretas-já, continua ecoando. Em Goiânia e São Paulo foram instituídos os troféus Silvério dos Reis, o traidor que delatou Tiradentes, que serão concedidos aos que traíram o anseio nacional pelas diretas-já.



O troféu que será entregue em São Paulo

Em Goiânia, o vereador Euler Ivo (PMDB), vice-presidente da União dos Vereadores do Brasil, apresentou projeto na Câmara Municipal criando dois troféus, o "Silvério dos Reis" e o "Tiradentes". O "Troféu Tiradentes" será oferecido às pessoas que se destacaram na luta pela democracia, pela liberdade e pelos direitos humanos. Já o "Troféu Joaquim Silvério dos Reis" será entregue a todos que se destacaram na defesa do arbítrio, da prepotência, do cer-

ceamento à liberdade e na traição à vontade popular.

Com base nestes critérios, Euler apresentou um segundo projeto concedendo o "Tiradentes" aos deputados goianos que votaram a favor da emenda Dante de Oliveira. Em contrapartida, o "Silvério dos Reis" irá para os deputados federais do PDS goiano que votaram contra ou não compareceram à votação da emenda das diretas. Siqueira Campos e Brasília Caiado (votaram contra), e Jai-

me Câmara, Wolney Siqueira e Ibsen de Castro (ausentes). Também receberá este título o senador Benedito Ferreira, do PDS, por haver anunciado que votaria contra as diretas, se a emenda Dante de Oliveira chegasse ao Senado.

TRAIADORES PAULISTAS

Também em São Paulo os parlamentares que impediram a aprovação das diretas-já receberão o "Troféu Joaquim Silvério dos Reis". O prêmio foi idealizado pelo deputado José Yunes, do PMDB. Como os "premiados" não comparecerão à solenidade de entrega, serão substituídos por pessoas fantasiadas, que receberão o troféu em seu lugar.

O deputado Yunes quer que a Assembléia Legislativa forme uma comissão suprapartidária: "Esta comissão ficaria em permanente vigilância para, daqui por diante, ofertar o Joaquim Silvério dos Reis não só aos parlamentares indiretistas, mas a todos os homens públicos que, de uma forma ou de outra, conspirarem contra a democratização plena do Brasil". (da sucursal de Goiás e de São Paulo)



Foto: Arquivo TO
José Duarte em 1947

Ameaça militar contra grevistas em Sorocaba

Os metalúrgicos em greve na cidade de Sorocaba, interior paulista, vivem momentos de expectativa. Correm boatos de que o Exército irá retirar à força os operários que, desde o dia 25 de abril, ocupam a empresa Motopeças — fornecedora de peças e serviços para os tanques das Forças Armadas.

Segundo o secretário-geral do Sindicato dos metalúrgicos da cidade, João Batista da Silva, 8 mil operários entraram em greve em Sorocaba no dia 12. "Vários já voltaram ao trabalho, depois de realizarem acordos com suas empresas. Atualmente continuam parados 2 mil metalúrgicos, da YKK, Coopergrup e Motopeças. No dia 24 último, o TRT julgou a greve ilegal, e os operários voltaram para as fábricas. Mas na Motopeças 36 foram demitidos, com a empresa alegando 'justa causa'. Os companheiros não aceitaram esse absurdo, e entraram novamente em greve, desta vez com a ocupação da empresa."

PODE HAVER VIOLÊNCIA

Assim, desde o dia 25 cerca de 400 metalúrgicos estão acampados na Motopeças. Os seus diretores da empresa não estão sendo encontrados sequer para as negociações trabalhistas com o Sindicato. "Ao mesmo tempo — relata João Batista —, corre aqui o bochincho de uma invasão do Exército para retomar, à força, a fábrica. Os operários não estão se intimidando. Vários deles me afirmaram que, se houver invasão, não adianta correr. Então, pode haver violência".

Os trabalhadores estão contando, por outro lado, com o apoio da população da cidade e com seus familiares, que lhes têm levado comida e cobertores. O Sindicato está ameaçado de intervenção pelo Ministério do Trabalho, já que a greve pelas leis patronais, foi considerada ilegal. Os metalúrgicos só aceitam retomar a produção na empresa quando seus companheiros forem readmitidos.

Vitória operária no estaleiro da Emaq, no Rio

Os 4.500 operários do estaleiro e da fábrica de locomotivas Emaq, do Rio de Janeiro, obtiveram importante vitória dia 2 último. Após uma semana de greve exigindo o fim do atraso em seus salários, conquistaram o pagamento dos atrasados com juros equivalentes aos das cadernetas de poupança. Decidiram, então, voltar ao trabalho, em assembleia realizada no pátio da empresa. Contudo seus problemas não foram resolvidos. Segundo um dos líderes do movimento, Nelson Vasquez, integrante da Chapa 1 do Sindicato dos Metalúrgicos do Rio, "até o dia 10, quando recebermos o pagamento de abril, há dinheiro para os nossos salários. Mas para depois ninguém sabe. Nem nós, nem os patrões". A Emaq está amargando com a crise do capitalismo internacional e local. A empresa tem um navio pronto para ser entregue, mas o armador liberiano Silver Dali, que o encomendou, recusa-se a recebê-lo, alegando falta de condições para o pagamento. Também empresas brasileiras como a Fepasa, Rede Ferroviária Federal, Caxex e Sunnam têm dívidas não saldadas com o estaleiro e a fábrica de locomotivas. (da sucursal)

Chapa 2 contra o PDS no Sindicato de Casa Nova

Visando a tirar sua entidade da direção de gente ligada ao PDS, os trabalhadores rurais de Casa Nova, Bahia, resolveram formar a Chapa 2, presidida por Bento Dias da Silva e que concorre às eleições sindicais do próximo dia 10. "A atual diretoria não se mexe, não faz nada pelo trabalhador", denuncia Bento Dias. Consta do programa de trabalho da Chapa 2 a luta pelo aumento de salário nas frentes de serviço (hoje, miseráveis Cr\$ 15.300,00), a fundação de delegacias sindicais em Oricuri, Luiz Viana, Pau a Pique e Lagos, e o estímulo a uma maior participação da mulher no Sindicato. Para Francisco da Rocha, o "Chico do Roque", a mulher deve participar das lutas sindicais, "que não são só dos homens. A mulher também está na roça plantando, nas frentes de serviço, dando duro como todos os homens". É ainda posição comum dos integrantes da Chapa 2 a luta pela reforma agrária imediata e por eleições diretas para a Presidência da República. "Precisamos mudar este governo, porque ele está nos matando de fome", dizem os componentes da Chapa 2. (do correspondente em Juazeiro)

Secundaristas preparam congresso de luta por diretas

Os estudantes secundaristas preparam-se para seu XXIII Congresso num clima de grandes manifestações, como as ocorridas às vésperas e no dia da votação da emenda Dante de Oliveira em todo o país. Eles tiveram participação destacada na luta pelas diretas, particularmente em Brasília, onde foram reprimidos com truculência pelo general Newton Cruz.

O coração do movimento secundarista localizou-se em Brasília e cidades satélites. No Plano Piloto, o próprio MEC sentindo o clima, decretou feriado no dia 25. Mas os estudantes do colégio Leonardo da Vinci saíram em passeata até o Objetivo, quando foram impedidos de prosseguir a manifestação por forte contingente policial.

Em Itaguatinga, os alunos do Centro Educacional Asa Branca, a maior escola pública da cidade, iniciaram a mobilização. Saíram em passeata seguindo a adesão de outras escolas. Na altura da Avenida Comercial, a manifestação foi dura e brutalmente reprimida por forças policiais. Os estudantes resistiram. Vários foram presos; uma estudante grávida foi agredida. Fortemente armados, policiais chegaram a invadir escolas, provocando desmaios e ferimentos.

Em Teresina, todas as escolas de 1º e 2º graus pararam. Em Alagoas os secundaristas tiveram participação destacada na passeata de protesto.

Em São Paulo pararam as principais escolas, como Caetano de Campos, Basílio Machado e Objetivo, que foram em passeata até a Praça da Sé, local da vigília cívica. No dia anterior, em Santo André, 500 secundaristas realizaram um ato pelas diretas.

Os cariocas também tiveram cidade de mobilização. Saíram passeatas dos Colégios Prado Júnior, Ferreira Viana e José Alfredo, entre outros.

A UMES de Fortaleza marcou presença organizando paralisação em várias escolas e participando na vigília cívica.

Em Porto Alegre mais de 500 secundaristas participaram organizados da vigília cívica, destacando-se os colégios Júlio de Castilho e Parobé.

Na vigília do Largo de Osasco, a presença dos secundaristas era predominante. Várias escolas saíram em passeata, como Cinearte e Júlia Lopes. Da "Campesina" saíram alunos e professores em passeata, percorrendo vários estabelecimentos de ensino do centro. O presidente da UBES, Apolinário Rebelo, falou em nome dos estudantes, destacando que a luta pelas diretas já continua independente do resultado da votação. Todos os oradores saudaram os secundaristas, inclusive o prefeito Humberto Parro.

Em Salvador, os alunos da Escola Técnica Federal entraram em greve no dia 26 em solidariedade a 8 colegas suspensos pelo diretor porque participaram fardados da caminhada até a Igreja do Bonfim, no dia 18 de abril, em defesa das eleições diretas para a Presidência da República.



Foto: L. Carlos Leite
Meneghelli e Joaquinzo: de acordo na preparação unitária da greve geral pelas diretas

Greve geral: uma proposta unitária

"Levar às bases a discussão de uma greve geral, em data a ser marcada conforme o andamento da emenda ou subemenda pró-diretas no Congresso Nacional". Com esta resolução, tirada na reunião conjunta da Conclat, CUT, Andes e UNE, no dia 29, o movimento sindical procura dar uma resposta, de forma unitária, à rejeição da emenda Dante de Oliveira.

Para encaminhar a discussão da greve geral, a Conclat e a CUT realizarão plenárias distintas das entidades sindicais até 18 de maio. Logo em seguida haverá uma reunião conjunta de representantes das duas articulações que traçarão um plano comum de luta para conquistar as diretas-já e outras reivindicações trabalhistas e sindicais. De acordo com a resolução do encontro, o movimento sindical "não apóia nenhuma forma de negociação que aceite o Colégio Eleitoral como fórum da eleição do próximo presidente, ou que não tenha como objetivo as diretas-já".

Tanto os representantes da Conclat como os da CUT acreditam na possibilidade concreta de uma nova greve geral. "O fato da CUT e Conclat estarem unidas em torno deste objetivo facilita sua aplicação. Divididas, as duas articulações não têm condições de levar à prática a greve geral", garante Jamil Murad, secretário do Sindicato dos Médicos paulistas e representante da Conclat. Jair Meneghelli, coordenador da CUT (entidade que se pre-

ocupou na convocação unilateral de duas greves gerais e foi obrigada a desmarcá-las), também está confiante: "A frustração dos trabalhadores com a rejeição da emenda é grande, e a revolta também. A greve geral será nossa forma de protesto e pressão para aprovar a nova emenda das diretas". Ele frisa que o Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo "já encampou a proposta da greve geral e tem condições de fazê-la, segundo me garantiu o Joaquim". Joaquim Andrade, presidente da entidade, vê na greve "a melhor resposta dos trabalhadores ao desrespeito com que o governo tratou um anseio nacional: as diretas-já".

AVANÇO TÍMIDO

A rejeição da Dante de Oliveira obrigou as duas articulações a refletirem sobre a fraca e diluída atuação do movimento sindical na campanha das diretas e a preocuparem-se com a ação unitária. Logo após a votação, no dia 26, os representantes da CUT e Conclat divulgaram, em Brasília, uma nota conjunta proclamando a unidade dos trabalhadores.

Só que a reunião de domingo, na sede do Sindicato dos Metalúrgicos da capital paulista, ainda não conseguiu superar as divergências. Nela foi recusada a proposta de uma plenária nacional conjunta para discutir a greve geral, nos mesmos moldes do bem sucedido encontro que convocou a greve geral de julho passado. Antônio Magri, presidente do Sindicato dos Eletricistas, foi quem colocou obstáculos à proposta, alegando que na plenária aflorariam as divergências e vaias. Evidenciou, desta forma, como os que são contra a unificação dos trabalhadores se aproveitaram dos apupos sectários da "esquerda".

Por outro lado começa a circular a idéia errônea de que a greve geral deve ser convocada pelo Comitê Suprapartidário Pró-Diretas. José Dirceu, secretário do PT em São Paulo, é o mais ardoroso defensor desta proposta que submete o movimento sindical à direção das forças democráticas. "O Comitê não tem o poder e nem condições de decretar ou vetar a greve geral. O movimento sindical não quer ser autônomo. As entidades democráticas e os partidos de oposição serão chamados para dar seu valioso apoio, mas nunca para decidir pelos trabalhadores", afirma Jamil Murad.

Unificada a miséria do salário-mínimo

O governo reajustou em míseros 70% o salário mínimo, que passa para Cr\$ 97.176,00 a partir de maio de 1984. Mas há uma novidade: o salário-mínimo foi unificado em todo o território nacional — uma conquista importante dos trabalhadores. Mesmo que seja uma unificação da miséria, favorece a unidade na luta por um salário-mínimo real.

O salário-mínimo, direito conquistado há 44 anos pelos trabalhadores, foi aviltado pelo regime militar. Nos últimos meses a situação piorou com o FMI, inspirador de uma chuva de decretos de arrocho.

Uma das maiores safadezas com o mínimo tem sido a manipulação do Índice Nacional de Preços ao Consumidor, INPC. Afinal, quem controla esses cálculos é o Delfim Netto, que para isso intervém no IBGE, demite técnicos que se opõem à fraude, e tudo o mais.

Nos últimos 12 meses, o salário-mínimo foi reajustado em 180%, ao passo que a inflação, calculada pela FGV, foi de 228%. Uma diferença de 48% que vai parar nos bolsos dos patrões.

Essa brutal diferença entre a inflação e o reajuste dos salários é uma denúncia viva contra as teorias econômicas da ditadura e do imperialismo. Dizem que os salários causam inflação. Mas como, se os preços das matérias-primas, máquinas e mercadorias crescem muito mais do que os salários? Os salários caem, mas a inflação dispara.

NÃO CUMPREM A PRÓPRIA LEI

De acordo com a Constituição, o mínimo deveria ser suficiente para satisfazer as necessidades básicas do trabalhador e sua família, incluindo Alimentação, Transporte, Habitação, Vestuário etc. Contudo os governos militares não cumprem a Constituição que eles mesmos outorgaram.

É fácil provar — há uma ração alimentar básica prevista em lei. Teoricamente o trabalhador precisaria ter condições de comprar essa ração e

ainda deveria sobrar dinheiro para as outras despesas. A situação foi degenerando a tal ponto, que a partir de setembro de 1983, pela primeira vez, só o custo da ração básica superou o salário-mínimo oficial. Isto quer dizer que o mínimo não consegue garantir nem a ação alimentar de apenas um trabalhador, sem falar no resto da família e nas demais despesas!

A melhor comparação para medir a miséria está na diferença entre o mínimo decretado pelo governo, de Cr\$ 96.176, e o valor real calculado pelo DIEESE de Cr\$ 337.459, se fosse usado o decreto da ração e o preceito constitucional.

Não são apenas os que vivem na miséria os prejudicados pelo arrocho do mínimo, uma vez que ele serve de base para o cálculo de reajuste de todas as faixas. Utilizando o novo mínimo e o famigerado decreto-lei 2.065, os trabalhadores que ganharem até Cr\$ 291.528 serão reajustados pelo INPC. Já se o critério fosse o salário-mínimo real de Cr\$ 337.459, calculado pelo DIEESE, a faixa dos reajustados pelo INPC integral iria até os que ganhassem Cr\$ 1.012.377, ampla maioria dos trabalhadores. Isto dá uma idéia de como, ao arrochar o mínimo, se arrocha toda a estrutura salarial.

O governo unificou o mínimo por medida administrativa e para conseguir dividendos políticos, particularmente com o eleitorado dos Estados mais pobres. Isto foi facilitado pelo baixo nível já existente e pelos expurgos do INPC. Mesmo assim, o fato final é que agora o mínimo está unificado e isto favorece o avanço da luta pelo salário-mínimo real.

Congresso da CUT joga na divisão sindical

No mesmo final de semana em que as coordenações da Conclat e da CUT sentavam-se à mesa para discutir a preparação unitária de uma greve geral, o Congresso de fundação da CUT-São Paulo colocava ainda mais obstáculos para a reunificação do movimento sindical. Predominou a estreiteza e o sectarismo, com resoluções que jogam na cristalização da divisão.

Realizado no Sindicato dos Químicos, nos dias 28 e 29, o encontro contou com a presença de apenas 54 delegações, segundo informava a secretaria da reunião na manhã do último dia. E muitas delas não tinham o respaldo do seu Sindicato e não possuíam qualquer representatividade sindical. Os metalúrgicos da capital, por exemplo, foram "representados" por 19 "delegados" eleitos numa "assembleia" com 59 pessoas presentes.

A preocupação central do Congresso foi com a estruturação da CUT no Estado, havendo pouco espaço para discussão sobre a situação política do país e sobre a prejudicial divisão do movimento sindical. "A CUT



Foto: L. Carlos Leite
Congresso da CUT em São Paulo: um obstáculo à greve geral

deve divulgar e denunciar sempre a posição da Conclat", diz uma resolução. Já o manifesto aprovado afirma que a "CUT é a única que defende a unidade dos trabalhadores", numa visão arrogante e maniqueísta.

"Por uma questão de honra" foram eleitos para a direção estadual da CUT alguns membros de oposições sindicais, entre eles Hélio Bombardi, encabeçador da Chapa 2 para o Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo. O próprio Jair Meneghelli, coordenador nacional da CUT, reconheceria mais tarde o erro desta "posição de honra". Isto só dificulta o trabalho de entrosamento com os Sindi-

catos, principalmente com o dos Metalúrgicos de São Paulo, que é a favor da greve geral".

O Sindicato dos Metalúrgicos foi o único que exigiu a reunificação, o que despertou a ira dos sectários. Sua delegação não pôde ler o documento tirado numa assembleia com 500 trabalhadores, que afirma: "Repudiamos a divisão do movimento sindical, já que isto leva ao enfraquecimento da classe trabalhadora. Não aceitamos a divisão e tampouco sua consolidação através da criação de várias centrais sindicais. Os metalúrgicos só se filiarão a uma central que congregue todos os trabalhadores".



PC do Brasil está na luta pelas diretas

O Brasil vive hoje a maior campanha popular de sua história com as manifestações envolvendo milhões de brasileiros exigindo diretas já. Em todas as grandes manifestações pode-se constatar a presença do PC do Brasil tanto nas multidões como em alguns palanques.

Esta presença tem tirado o sono dos que representam a opressão e a miséria, inimigos da liberdade e do progresso social. Para as grandes massas a presença do partido da classe operária tem sido motivo de alegria e

esperança na vitória do povo brasileiro sobre os generais fascistas. Essa vitória virá através da conquista das eleições diretas-já, passo fundamental para que tenhamos um Brasil livre e democrático. Em muitas manifestações a gente simples do povo pede adesivos, camisetas, quer segurar por alguns instantes uma bandeira do PC do Brasil. Muitos querem conhecer o Partido e dele participar afim de contribuir com a luta revolucionária do nosso povo. (F.C.-Fortaleza, Ceará).

Só os cegos não vêem que o povo quer votar já

Este ano, no momento em que estou completando 22 anos, nasci dentro de mim a esperança; é a afeição repensada por muitos anos pelo povo brasileiro, de votar para presidente da República.

Só os cegos não vêem que o povo quer mudar (no caso, meia dúzia de generais sanguinários), limpar a sujeira de 20 anos de ditadura e de poder. Não dá para esperar mais um direito nosso, esperando tantos anos com paciência. Quando esta oligarquia de generais incompetentes e opressores. Ninguém vai se intimidar com as baionetas dos ge-

nerais, no momento em que as massas estão se organizando com tanto entusiasmo.

"Brasil ame-o ou deixe-o", "Brasil prá frente". Só na mentalidade de um general poderia sair este tipo de frase. Como amar meu país com tanta corrupção e violência? Como um país pode progredir com um regime entreguista? Eu amo meu Brasil, mas não no estado em que se encontra, um verdadeiro mar de corrupção e demagogia que desagua nas escadarias do Alvorada. Brasil pra frente, diretas pra presidente! (uma estudante secundarista de João Pessoa, Paraíba)

Os espinhos eu vi

Eu nasci na ditadura na ditadura eu cresci não conheci liberdade porém tortura eu já vi

Vi mil jovens sendo mortos mil esperanças findar Vi a certeza do nada na incerteza do olhar

Não vi flores no caminho porém espinhos eu vi Por isto que agora venho eu venho cantar aqui

Cantar a voz do meu povo

que pede aqui e acolá urgente, urgentemente diretas, diretas-já!!!

Diretas, diretas-já!!! É o povo que quer votar eleger seu presidente o seu destino traçar

Não quero paternalismo mas a felicidade alcançar Abaixo o generalismo diretas, diretas-já!!!

(W.X.S.-Goiânia, Goiás)

Diretoria toma posse na rua na luta por diretas

A diretoria do Sindicato dos Empregados em Editoras, depois de eleita com mais de 95% dos votos nas urnas, tomou posse dia 24 de abril. Assinada a ata de posse no sindicato, saiu à rua soltando rojões, batendo panelas e parando o trânsito pedindo que todos businassem, participando ativamente da Noite do Barulho pelas Diretas-já.

Em seguida, pelo amplo apoio que conseguiu, saiu em passeata e fez manifestação em favor da emenda Dante de Oliveira e pelo fim do regime militar. A diretoria empossada na rua lutando

com o povo brasileiro entende que os sindicatos devem participar de forma ativa e organizada na luta pelas Diretas-já e pelas transformações políticas que interessam a todo o povo, tais como: fim das intervenções nos sindicatos e por plena liberdade e autonomia sindical; mudanças no modelo econômico e político; fim dos acordos com o FMI e por uma Assembléia Constituinte livre e soberana convocada por um governo que represente o amplo movimento que luta hoje pelas diretas já. (Divo Guisoni, membro da nova diretoria-São Paulo, SP)

Coronel Marne, do Incri, difama Tribuna Operária

Intolerante e truculento, o coronel do Exército Marne Paiva, coordenador do Incri no Estado do Acre, interrompeu, no dia 16 de abril, um encontro que duas dirigentes do Movimento das Mulheres realizavam com os parceleiros do Projeto de Assentamento Dirigido Pedro Peixoto, a 600 quilômetros da capital.

O coronel fazia parte do encontro, convocado pela Federação dos Trabalhadores na Agricultura para discutir problemas do projeto; e irritou-se ao ver que, na ocasião, alguns exemplares da Tribuna Operária estavam sendo disputados pelos parceleiros.

Carrancudo e autoritário, o militar cortou a palavra de Maria Rita Pereira Batista, do Movimento de Mulheres, perguntando: "Quem está distribuindo isto?" E tomando o jornal das mãos do parceleiro disse que só servia para usar no banheiro, como papel higiênico.

Maria Rita, então, admitiu que os jornais estavam com ela e defendia eleições diretas,

"uma bandeira que também é do nosso movimento". Mais irritado ainda, o coronel a interrompeu de novo: "Esse jornal é comunista. As pessoas que distribuem esse jornal não querem o bem de ninguém". Em seguida, abandonou o local da reunião.

Outro funcionário do Incri procurou contornar a situação voltando às discussões anteriores. Mas os parceleiros estavam mais interessados a partir daquele momento em conseguir mais exemplares do jornal. Eles se mostraram solidários com as representantes do MMA, solicitando que voltassem mais vezes ao projeto e até ofereceram hospedagem em suas residências.

O encontro foi realizado na Gleba U do Projeto Peixoto, o onde estão assentadas centenas de famílias transferidas no ano passado da região de Itaipu, no Acre. Os parceleiros estão há oito meses abandonados no meio da mata, enfraquecidos de fome e má-laria. Há seis meses se alimentam apenas de arroz e mandioca. (E.M.-Rio Branco, Acre)



Maria Rita (de pé) foi interrogada pelo coronel (à direita)

Um jornal que é do povo

Ao Tribuna Operária melhor jornal do país o jornal que não espanta nada que o povo diz

Faça votos que a verdade consiga rasgar o pano e mostrar abertamente o que foi feito em 20 anos

20 anos de miséria fome e corrupção 20 anos que marcaram a vida de uma nação

O desejo de liberdade e luta em troca do pão

que a Tribuna Operária continue na cobertura apoiando nossa luta e publicando nossa bravura

O desejo de todo mundo é levar o Brasil pra frente Mas pra isso precisamos trocar o presidente

Por isso exigimos eleição direta-já antes que o povo morra de fome sem votar

(Amigo da TO na Vila 1ª de Outubro - São Paulo, SP)

Bancários paulistas se organizam na campanha

No dia 24 de abril, véspera da votação da emenda Dante de Oliveira, nós, bancários de São Paulo, realizamos uma assembléia da categoria para nos organizarmos para as manifestações do dia 25 e discutir como retomarmos o nosso sindicato, que se encontra sob intervenção desde a greve do dia 21 de julho de 1983.

Não deixamos passar em branco a convocação da noite

do barulho. E antes de iniciar nossa assembléia, cerca de 250 bancários saíram a rua numa vibrante e barulhenta manifestação pelas diretas. Vários rojões estouraram no céu enquanto gritávamos palavras de ordem como "Fora Figueiredo" e "Um, dois, três, quatro, cinco mil, queremos eleger o presidente do Brasil". (um bancário do Unibanco-São Paulo, SP)

O 1º de Outubro quer escolher o presidente

Ao melhor jornal do país, que deve ser lido por todo mundo que quer sair desta crise de fome, desemprego e miséria que o povo vem atravessando.

Nós, moradores da vila 1ª de Outubro temos nossos comitês pelas diretas, e queremos eleições já. Achei maravilhosa a grande passeata do dia 16 de janeiro. Sabei aqui uma passeata até Guaianazes com uma faixa da Vila 1ª de Outubro apoiando as diretas-já, todo mundo com as bandeiras do Partido Comunista do Brasil na mão e puxando palavras de ordem na passeata e dentro do ônibus. Foram escolhidos dois homens mais altos da Vila 1ª de Outubro e da Vila 2 de Setembro para carregar a faixa. Elas aguentaram firme durante a passeata

da Praça da Sé até o Anhangabaú e distribuindo bandeiras do PC do Brasil para os companheiros. Carreguei uma sacola no braço cheia de bandeiras, distribuindo para todos. Para mim foi um orgulho muito grande ver todo mundo com uma bandeira vermelha na mão. Não me contentei em levar só uma. Levei bandeiras nas duas mãos. Teve 4 PMs que perguntaram se eu não achava que estava com muita bandeira. Eu disse que não. Eles pediram uma, eu dei cinco. Eles pegaram e ficaram olhando e dando risada.

Queremos eleições diretas já. Vamos votar! Chega destes 20 anos de miséria, fome e corrupção. Fora Figueiredo! Fora o FMI! (amigo da TO na Vila 1ª de Outubro-São Paulo, SP)

A emenda Dante de Oliveira não passou no Congresso. Mas o povo brasileiro não esmoreceu na luta pelas diretas-já. E prepara-se para novas batalhas pela conquista deste importante direito. As cartas desta seção são um exemplo vivo de que o povo vai continuar brigando pelas diretas, agrade ou não aos donos do poder.

Nesta semana, em que os trabalhadores e o povo comemoram o 1º de Maio, o tema também será as eleições diretas para presidente da República. Todos já estão fartos de fome, miséria, corrupção e entreguismo, como diz uma das poesias: "Não vi flores no caminho porém espinhos eu vi". Agora todos queremos flores. E vamos em frente pelas diretas. (Olivia Rangel)



fala o POVO



PM agride família na rodoviária de Montes Claros

No dia 19 de abril na rodoviária de Montes Claros, Minas Gerais, às 21 horas, foi flagrado um novo ato de repressão contra o povo brasileiro. Desta vez a PM agrediu com pontapés, socos e empurrões uma família montclarenses.

Uma senhora, com seus dois filhos, foi agredida em plena rodoviária municipal sem nenhuma justificativa aceitável por parte dos PMs. Seu filho, que tentava viajar para o Distrito Federal, foi agredido pelos policiais que usavam o falso argumento de que o rapaz estava dopado, o que mais tarde foi constatado não ser verdadeiro. A mãe, ao tentar socorrer o filho, foi espancada e caiu. A filha menor de idade, ao protestar contra o ar-

bítrio, levou um soco no rosto.

Alguns estudantes que faziam pedágio no local para o XXIII Congresso da UBES gritaram logo: "Olha a repressão policial". As pessoas que ali estavam correram e também testemunharam a brutalidade. "Abaixo a ditadura" e "Eleições diretas-já" foram algumas das palavras de ordem usadas pelo povo como armas defensivas contra aquele ato de repressão.

O povo brasileiro mais uma vez vê de perto, sem máscaras, a ditadura imposta no Brasil desde 1964 e como ela tem atuado nesses 20 anos de regime antipopular, antidemocrático, reacionário e repressivo. (dois operários e um professor de Montes Claros, Minas Gerais)

Viração ultima preparação do Congresso da UBES

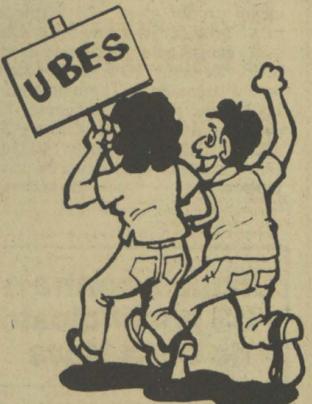
Estamos na reta final de preparação do XXIII Congresso da UBES. De todo o país recebemos notícias sobre o andamento da preparação nos estados: "arranjamos um ônibus", "passagens", "litros de óleo diesel", e assim por diante. É a grande força dos estudantes secundaristas em mobilização e procurando ocupar seu lugar na luta mais geral de todo povo.

Montamos comitês pró-diretas nas escolas, participamos de reuniões suprapartidárias, debates e manifestação, acompanhamos a votação em Brasília e fizemos vigília cívica, estamos também cientes que esta luta pelas diretas continuará em novas formas porém com o mesmo objetivo.

Um Congresso de luta, precisa de muito trabalho político e de muita organização. Com a aproximação do Congresso tornam-se urgentes algumas medidas práticas.

Fazer um balanço rigoroso das metas estabelecidas, se foram atingidas, como ampliá-las, se não foram atingidas, localizar os motivos e trabalhar dobrado para garantir uma grande presença de Viração. Quantas escolas seriam visitadas? Quantos delegados teria sua cidade? Quais as datas de visita à escolas para elegê-los? Como distribuir melhor os ativistas de forma a cobrir principalmente as maiores escolas? São perguntas que merecem respostas práticas imediatas.

Com os delegados já eleitos devemos fazer reuniões, discutir nossas propostas para o movimento secundarista e também



para conquistar a liberdade em nosso país.

Colegas, todo o trabalho poderá ir por terra caso não se garanta transporte para os delegados. Temos que verificar com urgência este problema e ver as formas de resolvê-lo. A desatenção com este problema causa problemas para o movimento secundarista local, para a UBES e também para Viração que terá sua presença reduzida.

Preparemos as caravanas com ponto referencial de saída bastante divulgado, telefone de contato para esclarecer dúvidas, providenciando autorização para os menores de 18 anos etc.

Em Osasco o tempo está frio, tragam roupas quentes e grossas. Trazer as atas devidamente preenchidas. Companheiros, Viração terá uma grande presença neste Congresso. Você é parte fundamental para garantir nossa vitória. (Selma Oliveira-Departamento Feminino da UBES)

LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

Redefinição das forças

Até o dia 25 o Brasil vivia um clima de guerra. De repente a imprensa aparece cheia de comentários sobre negociações, como se entrássemos numa nova fase, de tranquilidade e de liberalização do poder. Ninguém, se iluda com esta falsa aparência. É apenas uma alteração de forma na luta pelo poder.

O POVO DE FORA

Na verdade, o que está por trás desta momentânea amenização das coisas é um processo de mudanças na correlação das forças políticas, com a redefinição de várias camadas.

Da parte do governo, o aceno das negociações tem como conteúdo central a tentativa de silenciar o movimento de massas, de impedir a repetição e a radicalização dos comícios de milhões nas ruas.

Certos setores burgueses da oposição rapidamente prometem apertar esta mão estendida — mesmo sabendo que é um aceno demagógico. Não porque tenham superados suas contradições com o governo, mas principalmente porque temem mais as massas na rua do que os generais.

Estes entendimentos visam, portanto, um acerto da burguesia por cima, deixando o povo de fora. Embora entre os poderosos as disputas continuem, sem os comícios e mobilizações de massas eles se entendem.

MUDANÇAS TÁTICAS

Não foi só isto que mudou. Nota-se, por exemplo, que uma parte do PDS já pode ser considerado na prática como um novo partido. O grupo pró-diretas que enfrentou o rebenque do general Cruz e, de certa forma também os Aurelianistas, estão praticamente rompidos com o esquema governista e vão insistir na campanha das diretas-já.

Também na oposição existem transformações. O PTB acabou votando em bloco a favor da emenda, exceto um traidor descartado. No PT nota-se uma corrente que toma rumos mais abertos, deixando de lado o velho esquema "voto na três que o resto é burguês" adotado na campanha eleitoral de 1982 em São Paulo.

O proletariado precisa estudar as formas concretas para aproveitar estas alterações no sentido de ampliar a frente pelas diretas-já e ao mesmo tempo aprofundar as cisões no seio do regime. Mas por outro lado, terá que estar vigilante e não cair em ilusões. A maioria destas mudanças são de caráter tático, fazem parte da disputa entre os próprios setores burgueses pelo poder neste instante. Disputas estas que muitas vezes têm inclusive como pano de fundo interesses menores, de caráter regional, mas que diante da radicalização do quadro político ganham força.

Esta situação complexa exige flexibilidade e firmeza. Prosseguir na mobilização das massas mas não aceitar atitudes provocadoras, que pretendem isolar setores populares com ações aventureiras, que não correspondem à consciência e ao grau de organização dos trabalhadores. Não negar as negociações e entendimentos em princípio, mas colocar parâmetros bem definidos para que isto se realize. No momento, duas condições são básicas: adotar como ponto de partida as diretas-já, dar conhecimento de todos os passos ao povo mobilizado nas ruas.

As mudanças em curso significam uma redefinição na disposição das classes na luta pelo poder. Se o povo acompanha estas questões de um ponto de vista revolucionário, terá condições de elevar o seu nível de consciência e organização e avançar na conquista da liberdade.

Poucos dias após os atos terroristas de incêndio e saque do prédio de sua Redação, é impressionante a solidariedade que chega à Tribuna Operária. Os mais importantes sindicatos e entidades populares, dirigentes opositores de diversas tendências, homens e mulheres do povo, registram assim seu repúdio à fúria criminosa dos agentes da ditadura militar.

SÃO PAULO
 "Estou solidário com a Tribuna Operária. Eu repudio totalmente qualquer ato de violência contra um jornal, principalmente jornais que buscam levar informações do ponto de vista dos trabalhadores e não dos patrões". Jair Meghelli, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema, coordenador nacional da CUT.



Jair Meghelli
 "Como os trabalhadores estão na rua pelas eleições diretas-já, a direita tenta tumultuar. É o fascismo que está por trás disto". Raimundo Rosa, presidente do Sindicato dos Padeiros de São Paulo.



Prefeito Mário Covas
 "É a violência cega atingindo as idéias e as pessoas, sem qualquer responsabilidade e acobertada pela covardia do anonimato. Está na hora de fatos como este desaparecerem do cenário brasileiro". Mário Covas, prefeito de São Paulo.



Almino Affonso
 "Todo democrata repele esta violência, de claro significado fascista. Isso representa o espremejo da minoria diante do avanço do processo democrático sustentado pela mobilização do povo em todo o país". Almino Affonso, secretário de Assuntos Metropolitanos do Estado de São Paulo.



Gianfrancesco
 "O povo será solidário com os jornais operários que defendem, exigem as liberdades e um futuro melhor para o nosso país. Eu também sou solidário com a Tribuna Operária". Gianfrancesco Guarnieri, secretário da Cultura do Município de São Paulo.

"O atentado contra a Tribuna Operária é repellido pela consciência política do povo brasileiro. E seus autores precisam ser identificados e punidos para que essas ações terroristas não se repitam. Eu estou totalmente solidário com o jornal". Almyr Pazzianotto, secretário do Trabalho do Estado de São Paulo.

"Repudiamos veementemente (o atentado) e congratulamos estes companheiros pela brilhante participação na luta pelas eleições diretas-já". Sociedade Amigos do Burgo Paulista e mais Administração Regional da Penha, Juventude do PMDB-Penha, Conselho de Associações de Sabes, Secretaria da Habitação, Emurb e

moradores do bairro - periferia Leste, São Paulo.
 "Nossa irrestrita solidariedade. Nossa mais veemente defesa das liberdades políticas em nosso país; e exigimos a apuração das responsabilidades. Assinam representantes de 31 Diretórios Acadêmicos, 17 Centros Acadêmicos e 13 Diretórios Centrais de Estudantes e outras entidades, presentes ao Conselho da União Estadual dos Estudantes de São Paulo."
 "Reiteramos nossa posição de defesa intransigente da liberdade de manifestação e organização, principalmente num momento como este, onde o regime tenta coibir qualquer demonstração da vontade popular". Assinam Carlos Cavalcante, coordenador da UEE-SP, nove entidades de estudantes e professores da PUC-SP e o jornal Porandubas.

"Recebam solidariedade face covarde atentado contra liberdade expressão organizacional". Conselho Nacional e Federação Paulista de Cineclubes.
 "A Tribuna Operária, como órgão popular e democrático, sempre foi vítima da perseguição feroz daqueles que tentam calar a voz do povo. É tarefa de todos os democratas e progressistas repudiar esta escalada terrorista". Assinam, entre outros, 15 membros da Comissão de Fábrica da Volkswagen, 22 representantes de associações de moradores, vereadores e dirigentes municipais do PT e PMDB, diretores da União Nacional dos Secundaristas de São Bernardo do Campo, São Paulo.

"Recebam solidariedade face covarde atentado contra liberdade expressão organizacional". Conselho Nacional e Federação Paulista de Cineclubes.
 "A Tribuna Operária, como órgão popular e democrático, sempre foi vítima da perseguição feroz daqueles que tentam calar a voz do povo. É tarefa de todos os democratas e progressistas repudiar esta escalada terrorista". Assinam, entre outros, 15 membros da Comissão de Fábrica da Volkswagen, 22 representantes de associações de moradores, vereadores e dirigentes municipais do PT e PMDB, diretores da União Nacional dos Secundaristas de São Bernardo do Campo, São Paulo.

"Recebam solidariedade face covarde atentado contra liberdade expressão organizacional". Conselho Nacional e Federação Paulista de Cineclubes.
 "A Tribuna Operária, como órgão popular e democrático, sempre foi vítima da perseguição feroz daqueles que tentam calar a voz do povo. É tarefa de todos os democratas e progressistas repudiar esta escalada terrorista". Assinam, entre outros, 15 membros da Comissão de Fábrica da Volkswagen, 22 representantes de associações de moradores, vereadores e dirigentes municipais do PT e PMDB, diretores da União Nacional dos Secundaristas de São Bernardo do Campo, São Paulo.

"Recebam solidariedade face covarde atentado contra liberdade expressão organizacional". Conselho Nacional e Federação Paulista de Cineclubes.
 "A Tribuna Operária, como órgão popular e democrático, sempre foi vítima da perseguição feroz daqueles que tentam calar a voz do povo. É tarefa de todos os democratas e progressistas repudiar esta escalada terrorista". Assinam, entre outros, 15 membros da Comissão de Fábrica da Volkswagen, 22 representantes de associações de moradores, vereadores e dirigentes municipais do PT e PMDB, diretores da União Nacional dos Secundaristas de São Bernardo do Campo, São Paulo.

"Recebam solidariedade face covarde atentado contra liberdade expressão organizacional". Conselho Nacional e Federação Paulista de Cineclubes.
 "A Tribuna Operária, como órgão popular e democrático, sempre foi vítima da perseguição feroz daqueles que tentam calar a voz do povo. É tarefa de todos os democratas e progressistas repudiar esta escalada terrorista". Assinam, entre outros, 15 membros da Comissão de Fábrica da Volkswagen, 22 representantes de associações de moradores, vereadores e dirigentes municipais do PT e PMDB, diretores da União Nacional dos Secundaristas de São Bernardo do Campo, São Paulo.

"Recebam solidariedade face covarde atentado contra liberdade expressão organizacional". Conselho Nacional e Federação Paulista de Cineclubes.
 "A Tribuna Operária, como órgão popular e democrático, sempre foi vítima da perseguição feroz daqueles que tentam calar a voz do povo. É tarefa de todos os democratas e progressistas repudiar esta escalada terrorista". Assinam, entre outros, 15 membros da Comissão de Fábrica da Volkswagen, 22 representantes de associações de moradores, vereadores e dirigentes municipais do PT e PMDB, diretores da União Nacional dos Secundaristas de São Bernardo do Campo, São Paulo.

"Recebam solidariedade face covarde atentado contra liberdade expressão organizacional". Conselho Nacional e Federação Paulista de Cineclubes.
 "A Tribuna Operária, como órgão popular e democrático, sempre foi vítima da perseguição feroz daqueles que tentam calar a voz do povo. É tarefa de todos os democratas e progressistas repudiar esta escalada terrorista". Assinam, entre outros, 15 membros da Comissão de Fábrica da Volkswagen, 22 representantes de associações de moradores, vereadores e dirigentes municipais do PT e PMDB, diretores da União Nacional dos Secundaristas de São Bernardo do Campo, São Paulo.

"Recebam solidariedade face covarde atentado contra liberdade expressão organizacional". Conselho Nacional e Federação Paulista de Cineclubes.
 "A Tribuna Operária, como órgão popular e democrático, sempre foi vítima da perseguição feroz daqueles que tentam calar a voz do povo. É tarefa de todos os democratas e progressistas repudiar esta escalada terrorista". Assinam, entre outros, 15 membros da Comissão de Fábrica da Volkswagen, 22 representantes de associações de moradores, vereadores e dirigentes municipais do PT e PMDB, diretores da União Nacional dos Secundaristas de São Bernardo do Campo, São Paulo.

"Recebam solidariedade face covarde atentado contra liberdade expressão organizacional". Conselho Nacional e Federação Paulista de Cineclubes.
 "A Tribuna Operária, como órgão popular e democrático, sempre foi vítima da perseguição feroz daqueles que tentam calar a voz do povo. É tarefa de todos os democratas e progressistas repudiar esta escalada terrorista". Assinam, entre outros, 15 membros da Comissão de Fábrica da Volkswagen, 22 representantes de associações de moradores, vereadores e dirigentes municipais do PT e PMDB, diretores da União Nacional dos Secundaristas de São Bernardo do Campo, São Paulo.

"Recebam solidariedade face covarde atentado contra liberdade expressão organizacional". Conselho Nacional e Federação Paulista de Cineclubes.
 "A Tribuna Operária, como órgão popular e democrático, sempre foi vítima da perseguição feroz daqueles que tentam calar a voz do povo. É tarefa de todos os democratas e progressistas repudiar esta escalada terrorista". Assinam, entre outros, 15 membros da Comissão de Fábrica da Volkswagen, 22 representantes de associações de moradores, vereadores e dirigentes municipais do PT e PMDB, diretores da União Nacional dos Secundaristas de São Bernardo do Campo, São Paulo.

"Recebam solidariedade face covarde atentado contra liberdade expressão organizacional". Conselho Nacional e Federação Paulista de Cineclubes.
 "A Tribuna Operária, como órgão popular e democrático, sempre foi vítima da perseguição feroz daqueles que tentam calar a voz do povo. É tarefa de todos os democratas e progressistas repudiar esta escalada terrorista". Assinam, entre outros, 15 membros da Comissão de Fábrica da Volkswagen, 22 representantes de associações de moradores, vereadores e dirigentes municipais do PT e PMDB, diretores da União Nacional dos Secundaristas de São Bernardo do Campo, São Paulo.

"Recebam solidariedade face covarde atentado contra liberdade expressão organizacional". Conselho Nacional e Federação Paulista de Cineclubes.
 "A Tribuna Operária, como órgão popular e democrático, sempre foi vítima da perseguição feroz daqueles que tentam calar a voz do povo. É tarefa de todos os democratas e progressistas repudiar esta escalada terrorista". Assinam, entre outros, 15 membros da Comissão de Fábrica da Volkswagen, 22 representantes de associações de moradores, vereadores e dirigentes municipais do PT e PMDB, diretores da União Nacional dos Secundaristas de São Bernardo do Campo, São Paulo.

"Recebam solidariedade face covarde atentado contra liberdade expressão organizacional". Conselho Nacional e Federação Paulista de Cineclubes.
 "A Tribuna Operária, como órgão popular e democrático, sempre foi vítima da perseguição feroz daqueles que tentam calar a voz do povo. É tarefa de todos os democratas e progressistas repudiar esta escalada terrorista". Assinam, entre outros, 15 membros da Comissão de Fábrica da Volkswagen, 22 representantes de associações de moradores, vereadores e dirigentes municipais do PT e PMDB, diretores da União Nacional dos Secundaristas de São Bernardo do Campo, São Paulo.

"Recebam solidariedade face covarde atentado contra liberdade expressão organizacional". Conselho Nacional e Federação Paulista de Cineclubes.
 "A Tribuna Operária, como órgão popular e democrático, sempre foi vítima da perseguição feroz daqueles que tentam calar a voz do povo. É tarefa de todos os democratas e progressistas repudiar esta escalada terrorista". Assinam, entre outros, 15 membros da Comissão de Fábrica da Volkswagen, 22 representantes de associações de moradores, vereadores e dirigentes municipais do PT e PMDB, diretores da União Nacional dos Secundaristas de São Bernardo do Campo, São Paulo.



ma, líder do PDT na Assembleia Legislativa.

PIAUI
 "Foi, sem dúvida, obra da extrema direita interessada em criar um clima favorável à ampliação das medidas de emergência. Condenamos veementemente este atentado". Wall Ferraz, deputado federal pelo PMDB do Piauí.

"A Tribuna Operária tem se destacado como um dos mais combativos jornais, que contribui decisivamente na organização independente do nosso povo". Osmar Júnior, PMDB, vereador de Teresina.

"Atribuo este atentado ao fato de ser a TO um dos jornais que tem denunciado com destemor as violências cometidas contra o povo brasileiro. É um jornal que incomoda e irrita os donos do poder". Olimpio Castro, PMDB, vereador de Teresina.

"Meus votos de repúdio aos atos de vandalismo contra o jornal, que luta pelo bem estar do povo". Carlos Gonzaga Melo, PMDB, vereador, União.

"Este ato contra um jornal que sempre defendeu a liberdade e os direitos do povo trabalhador só servirá para mostrar a face de terrorista que está por trás das leis de exceção". Firmina Sales, presidente da Associação dos Moradores do Dirceu Arcoverde II, Teresina.
 "Nosso repúdio a mais essa investida da ditadura militar contra a imprensa operária. Nada impedirá o avanço da luta do povo brasileiro e do jornal Tribuna Operária". Marcos Lopes, presidente do DCE da UFPI.

"Repudiamos veementemente o ato de vandalismo e terrorismo. Apoiamos a Tribuna Operária, por ser um jornal que luta pela democracia e pela liberdade do povo brasileiro". Assinam, entre muitos outros, o presidente da Ordem dos Advogados do Brasil-Seção Piauí, o deputado estadual Francisco da Silva (PMDB-PI), cinco vereadores, nove entidades de moradores, estudantes e outras e 16 jornalistas do Estado do Piauí.

PERNAMBUCO

"A sociedade brasileira não aceita que atos deste tipo sejam praticados e exige a apuração dos fatos, a punição dos responsáveis e a revogação imediata das medidas de emergência". Sindicatos dos Metalúrgicos, dos Médicos, e mais 29 líderes de associações profissionais, entidades estudantis, associações de moradores, dirigentes partidários.

SANTA CATARINA

"A Câmara dos Vereadores de Florianópolis realizou dia 23 manifestação de repúdio ao atentado, coordenada por Clair Castilhos e Sérgio Grand, com leitura de um manifesto que constou na ata daquela Casa. Dezenas de entidades e personalidades da capital catarinense participaram de um abaixo-assinado de solidariedade, entre elas: o presidente do PMDB local, o líder do PMDB na Câmara, seis vereadores, dois deputados estaduais, Alise, Apussc, Fundação Pedroso Horta, Associação dos Sociólogos, DCE-UFSC.
 "Num comício pelas eleições diretas-já, realizado em Manaus, o orador que falou em nome da cursal da Tribuna Operária pediu que os presentes aprovassem, erguendo as mãos, uma moção de repúdio ao atentado e de solidariedade ao jornal. O comício em peso, 20 mil pessoas, aprovou a moção. Entre as entidades amazonenses que manifestaram solidariedade, estão: Conclat, CUT, Uesa, Sindicatos dos Metalúrgicos, Médicos, Jornalistas, Professores, Cabeleireiros, Assistentes Sociais e dezenas de outras.



Seu Roque: "Se encontrasse, enfiava a furadeira na barriga dele"

"Nós, operários, sabemos construir. Eles só sabem destruir" — afirma o carpinteiro Roque, enquanto conserta a porta arrombada da Tribuna Operária. Em resposta ao terror fascista, já começou a reconstrução das dependências do jornal, destruídas pelo atentado da Páscoa. A meta é erguer instalações maiores e melhores, com base na solidariedade do povo.

Enquanto serra um pedaço de tábuas, o carpinteiro explica que "esses atentados dão motivo para que se fale mais das diretas. Se calar é covardia". Funcionário da Prefeitura, morador num conjunto do BNH, com oito filhos, "todos operários", a maior parte metalúrgicos", seu Roque é leitor da Tribuna. Ouviu a denúncia do atentado ao passar pela Praça da Sé e se colocou à disposição para ajudar a reconstruir a sede.

"A Tribuna é um jornal que orienta, um jornal de coragem, que não tem medo de ser recolhido. Enquanto eles vão quebrando, nós vamos arrumando" — comenta. Quanto aos terroristas, diz: "O dia que a gente encontrasse um cara desses, enfiava a furadeira na barriga dele".

Enquanto serra um pedaço de tábuas, o carpinteiro explica que "esses atentados dão motivo para que se fale mais das diretas. Se calar é covardia". Funcionário da Prefeitura, morador num conjunto do BNH, com oito filhos, "todos operários", a maior parte metalúrgicos", seu Roque é leitor da Tribuna. Ouviu a denúncia do atentado ao passar pela Praça da Sé e se colocou à disposição para ajudar a reconstruir a sede.

NO DIA SEGUINTE

O trabalho de construção começou desde o dia seguinte ao atentado, e o jornal manteve sua periodicidade. As condições de trabalho são precárias. O arquivo, com o teto destruído pelas chamas e parte do seu acervo saqueado, teve que deslocar-se para um banheiro. Mas o ânimo é elevado, a tiragem aumentou e a disposição é de

construir, num prazo curto, instalações maiores e melhores que as anteriores.

O esforço de reconstrução se apóia na solidariedade material e no trabalho voluntário de operários, homens e mulheres do povo, democratas. Nas fábricas e outros locais de trabalho, nos sindicatos e demais entidades de massas, correm listas de auxílio, bônus de reconstrução, aumentam os pedidos de assinaturas, surgem outras iniciativas para arrecadar fundos. Cada centavo vale como um tijolo no grande edifício da solidariedade a um jornal atingido pelos fascistas justamente por sua intransigente defesa da classe operária, de seu presente e seu futuro.

Ao mesmo tempo, a Tribuna recebe o apoio de democratas de diferentes opiniões, que compreenderam o verdadeiro sentido do atentado do domingo de Páscoa, não só como um ataque a um jornal em particular mas também como uma investida contra o princípio democrático básico que é a liberdade de expressão. Com esta ajuda ampla, rápida e eficaz, a Tribuna está convencida de que conseguirá fazer com que a ação dos criminosos fascistas termine resultando no contrário do que eles pretendiam.

A Tribuna recebeu Cr\$ 618.000 de ajuda na primeira semana; e Cr\$ 818.000 na segunda!	
Contribuições noticiadas na edição da semana passada.....	Cr\$ 618.760
Deputado estadual Luís Nova, do PMDB da Bahia.....	50.000
Vereadora Lídice da Matta, do PMDB de Salvador.....	5.000
Dra. Lígia, médica, Salvador-BA.....	300.000
Artur, Loreta, Carlos e amigos Salvador-BA.....	50.000
Oito professores e funcionários da Universidade Federal da Bahia.....	38.000
Quatro jovens tribuneiros baianos, de uma herança recebida.....	136.000
Coleta numa sessão do Cine Clube do Centro de Cultura Operária-SP.....	5.900
Coleta entre os operários de uma pequena metalúrgica de Santo Amaro, SP.....	10.000
Coleta entre os bancários do Banco do Brasil, Santo Amaro-SP.....	22.700
José Ladeira de Souza, PDT-SP.....	10.000
Bônus vendidos no Conselho de Entidades da União Estadual dos Estudantes.....	18.090
Coleta entre moradores do bairro proletário da Figueira Grande, Zona Sul de São Paulo.....	13.700
"O jornal se reerguerá das cinzas". Coleta na PUC de São Paulo.....	17.660
Coleta entre 21 trabalhadores da Companhia Municipal de Transportes Coletivos (CMTC) de São Paulo.....	9.100
Doações de diferentes lideranças opositoras do Acre.....	100.000
Coleta entre 17 trabalhadores na revista "Veja", São Paulo.....	20.500
Coleta entre sete jornalistas da "Gazeta" Maranhão.....	1.000
TOTAL ARRECADADO ATÉ AGORA.....	1.436.500

Tribuna Operária

Endereço: Rua Adoniran Barbosa, 53 - Bela Vista - São Paulo - CEP 01318. Telefone: 36 7531 (DDD 011). Telex: 01132133 TLOPBR. Jornalista Responsável: Pedro de Oliveira. Conselho de direção: Rogério Lustosa, Bernardo Joffily, Olívia Rangel.

ALAGOAS: Arapiraca - Praça Luís Pereira Lima, 237, sobreloja CEP 57000. Maceió: Rua Circo, 183 - Centro - CEP 57000. **AMAZONAS:** Manaus: Rua Simon Bolívar, 231 (ant. Praça da Saudade) - Caixa Postal 1439 - CEP 69000. **BAHIA:** Camaçari: Rua José Nunes de Matos, 12 - CEP 42800. Feira de Santana: Av. Santos Dumont, 218 - Centro - CEP 44100. Itabuna: Av. Juracy Magalhães, 180, Sala 204 - CEP 45600. Ilhéus: Av. Santos Dumont, 44, 1º andar - Centro. Juazeiro: Rua Américo Alves, 6-A - CEP 44060. Salvador: Rua Senador Costa Pinto, 845, Centro - CEP 40000. Simões Filho: Praça 7 de Setembro (prédio da antiga Gilmes) - CEP 43700. **CEARÁ:** Fortaleza: Rua do Rosário, 313, sala 203 - CEP 60000. Iguaçu: Rua Floriano Peixoto, 408, 2º andar - CEP 79960. Sobral: Av. Dom José, 1236, sala 4 - CEP 62100. **DISTRITO FEDERAL:** Brasília: Edifício Venâncio IV, sala 312 - CEP 70302. **ESPIRITO SANTO:** Cachoeira do Itaperiú: Praça Gerônimo Monteiro, 89, sala 2 - Centro - CEP 29300. Vitória: Rua Francisco Araújo, 77 (esquina com escadaria Cleto Nunes) Centro - CEP 29000. **GOIÁS:** Goiânia: Rua 27, nº 69 - Centro - CEP 74000. Formosa: Rua Emílio Póvoa, sala 4 - CEP 77200. **MARANHÃO:** São Luís: Rua da Saavedra, 99 - Centro - CEP 65000. **MATO GROSSO:** Cuiabá: Rua Comandante Costa, 548. Fone: 321 5095 - CEP 78000. **MATO GROSSO DO SUL:** Campo Grande: R. Antônio Maria Coelho, 1152, 1º andar, sala 15 - CEP 79100. **MINAS GERAIS:** Belo Horizonte: Av. Amazonas, 491, sala 817, Fone: 224.7605 - CEP 30000. Juiz de Fora: Galeria Constança Valadares, 8º andar, sala 411 - CEP 36100. **PARÁ:** Belém: Rua Aristides Lobo, 620 - Centro - CEP 66000. **PARANÁ:** João Pessoa: Rua Duque de Caxias, 540, 2º andar, sala 201 - Caladão Centro - CEP 58000. **Campina Grande:** Rua Venâncio Neiva, 318, 1º andar - CEP 58100. **PARANÁ:** Curitiba: Rua Martin Alonso, 370 - CEP 87000. Londrina: Rua Serpente, 891, salas 7 e 8 - CEP 86100. **PIAUI:** Teresina: Rua Eliseu Martins, 1130, 1º andar - CEP 64000. **PERNAMBUCO:** Cabo: Rua Vigário Batista, 236 - CEP 54500. Garanhuns: Rua 13 de Maio, 85, 1º andar, sala 3 - CEP 55300. Recife: Rua Sossego, 221, Boa Vista - CEP 50000. **RIO GRANDE DO NORTE:** Natal: Rua Fonseca e Silva, 1098, sala 202 - Alecrim - CEP 59000. **RIO GRANDE DO SUL:** - Porto Alegre: Rua General Câmara, 52 sala 29 - CEP 90000. Caxias do Sul: Rua Dal Carmine, 1891, 2º andar - Fone: CEP 95100. Pelotas: Rua Andrade Neves, 1589, sala 403 - CEP 96100. Cachoeirinha: Av. Flores da Cunha, 1235, sala 20. Aberto depois das 18 horas e sábados das 9 às 12 horas). **RIO DE JANEIRO:** Rio de Janeiro: Rua São José, 90, sala 2208 - CEP 20000. **Rio de Janeiro:** Rua Carvalho de Souza, 155, loja F, Madureira - CEP 20000. **Niterói:** Av. Amaral Peixoto, 370, sala 807 - CEP 24000. **Duque de Caxias:** Rua Nunes Alves, 40, sala 101 - CEP 25000. **Nova Iguaçu:** Av. Marechal Floriano, nº 2248, sala 4 - CEP 27200. **RORAIMA:** Boa Vista: Rua Afonso Paulo Saldanha, 625 - Bairro São Francisco - CEP 69300. **SÃO PAULO:** Campinas: Rua Regente Feijó, 592 - CEP 13100. Marília: Rua Dom Pedro, 180, 1º andar - CEP 17500. Osasco: Rua Tenente Avilar Peres de Azevedo, 26, 2º andar, sala 12 - CEP 06000. Piracicaba: Rua XV de Novembro, 728, sala 3 - CEP 13400. Ribeirão Preto: Rua Sergipe, 119 - CEP 14100. São João del-Rei: Av. Dom Pedro II, 7 - CEP 11100. Santo André: Travessa Lourenço Rondinelli, 35 - Centro - CEP 09000. São Bernardo do Campo: Av. José Arthur da Frota Moreira, 61 - Ferrazópolis - CEP 09700. São José dos Campos: Rua Sebastião Humel, 185, sala 7 - CEP 12200. Taubaté: Rua Anísio Ortiz Monteiro, 41 - Centro - CEP 12100. SERGIPE: Aracaju: Rua Araújo, 599 - CEP 49000.

A TRIBUNA OPERÁRIA é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composta e impressa por Proposta Editorial, Rua Heitor Penteado, 236 loja 8 - Tel. 263.7400 - São Paulo, SP.

Apoio na prática

Ajude a reconstruir a Tribuna. Deposite sua contribuição na conta 04202/0 da Agência 768 do Banco Itaú de S. Paulo, em nome de Divo Guisoni. Envie também fotos para ajudar a recompor nosso arquivo. Todo apoio é importante. A reconstrução da sede da Tribuna Operária depende da ação solidária de todos os trabalhadores conscientes do país

Centro de Documentação e Memória Fundação Maurício Grabois

1º de Maio unido pelas diretas

Este ano o 1º de Maio teve a marca de uma primeira resposta à rejeição da emenda Dante de Oliveira pela minoria indiretista da Câmara Federal. Mais unidos, atendendo a um chamado conjunto da Conclat e CUT, os trabalhadores de todo o país centraram fogo na continuação da luta pelas diretas-já, recusando qualquer negociação que comprometa este objetivo.

"Dentro dos 20 anos este é o 1º de Maio mais importante. Com toda a união do povo, nós vamos conseguir as diretas", dizia Raul, metalúrgico há 20 anos, no ABC, depois em São Paulo, hoje desempregado. "Essas mobilizações amedrontam um pouco eles que estão no poder" — concordava Manoel, ferramenteiro numa fábrica em São Miguel, enquanto seus quatro filhos presentes seguravam bandeirinhas do PC do B pelas diretas-já. Os operários, principalmente metalúrgicos, foram a grande maioria dos participantes do 1º de Maio no parque do Ceret, São Paulo — dos quais apenas 15 mil ouviram os discursos, devido ao ambiente dispersivo.

Como no resto do país, a convocação foi às pressas, já que até o dia 25 todas as atenções se voltavam para Brasília. Apenas o Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo tomou a dianteira do ato no Ceret, que terminou por adquirir feição unitária, com a participação da Conclat, CUT, partidos opositoristas (legais e ilegais), UNE e representantes do governo.

A tônica de todos os discursos foi a luta pelas eleições diretas-já, e a recusa em aceitar qualquer negociação com o governo que barganhe esta exigência. "os trabalhadores querem diretas-já. E as diretas-já são inegociáveis" — sublinhou Joaquim dos Santos Andrade. "Como é que eu posso negociar aquilo que não é meu, o título eleitoral de vocês, o voto de vocês?" — indagou Ulysses Guimarães, que chamou os trabalhadores, "acima de tudo", a "trabalhar na política".

A rigor, apenas o deputado estadual Antônio Resk, que leu uma nota à Comissão Pró-Registro do PC Brasileiro, ousou defender a negociação com a bandeira das diretas-já.

Também marcada pela negativa em negociar as diretas-já, embora revestida pelo manto da religião, foi a missa-comício que reuniu mais de mil pessoas na igreja matriz de São Bernardo do Campo.

Embora os dois atos, em São Paulo e em São Bernardo, tivessem caráter unitário, pequenos grupos teimaram em vaiar seus desafetos dentro do movimento sindical e opositorista, esquecendo o grande inimigo que é o regime militar. Com razão Luís Antônio, dos Metalúrgicos de São Paulo, que coordenou o comício do Ceret, advertia: "Ninguém jamais quebrará a unidade dos trabalhadores, selada com sangue".



O 1º de Maio paulistano, no Ceret: pela primeira vez desde 1980 os líderes sindicais da capital paulista promoveram uma manifestação unitária

No Rio a sabotagem da Light

A manifestação no Rio de Janeiro foi esvaziada por uma nítida ação de sabotagem. Alegando, primeiro, problemas num transformador e, depois, não ter sido solicitada antes, a Light só forneceu energia elétrica para o palanque da Quinta da Boa Vista às 16 horas — seis horas depois do horário previsto. Por isso a manifestação acabou reunindo 20 mil pessoas, menos que no ano passado, e num clima disperso.

Em comum acordo com o Comitê Pró-Diretas, a Intersindical do Rio decidiu transformar o 1º de Maio na primeira manifestação pela continuidade da luta das diretas depois da votação da emenda Dante de Oliveira. Atrás do palanque foi afixado um gigantesco painel saudando a unidade dos trabalhadores e exigindo diretas-já. Desde cedo, porém, ficou claro que forças reacionárias conspiravam contra o êxito da manifestação.

O problema da falta de energia foi identificado logo pela Intersindical, mas a Light não tomou providências. As 10 horas, deveria ter-se iniciado um show, que não houve devido à falta de som. Quando a energia surgiu, com o público já disperso, o número de oradores teve que ser reduzido ao mínimo. Todos os representantes de partidos foram cortados da lista.

Neste clima, o secretário-geral da UNE, Renildo Calheiros, ainda conseguiu despertar entusiasmo com sua contundente denún-



Amazonas fala aos operários de São Paulo no 1º de Maio: "O governo Figueiredo, minoritário, tem que mudar"

Com a palavra o PC do B

Ouvido com interesse e atenção, sem uma vaia sequer (o que foi raro) e com várias interrupções para aplausos, o ex-deputado constituinte e sindicalista João Amazonas falou no 1º de Maio de São Paulo em nome do Partido Comunista do Brasil. Aqui, uma resenha do seu discurso:

"Companheiros e companheiras, trabalhadores do Brasil.

"O 1º de Maio é a grande data internacional do proletariado. É um grande dia em que a classe operária, acima de todas as fronteiras, dá as mãos na afirmação de sua unidade e do seu desejo de terminar para sempre com o capitalismo,

que já chega ao fim e é a causa de todos os seus sofrimentos.

"Neste 1º de Maio queremos homenagear os mártires da classe operária, que morreram nas trincheiras da luta pela liberdade ou curtindo o desemprego e a fome.

"O proletariado, que é a força mais avançada da sociedade, ergue a bandeira do socialismo, que é seu ideal supremo. Mas este 1º de Maio é também um 1º de Maio de combate, firme e decidido, por novos rumos para o país. O regime militar que perdura há 20 anos, que causa sofrimento ao povo deve dar lugar a um novo regime.

"O governo Figueiredo, minoritário, desgastado, comprometido com a corrupção mais deslavada e com a venda da soberania nacional, tem que mudar. O entendimento de que o regime fala não significa nada para a grande maioria da nação. É um entendimento de quem já chega arrogante, de quem diz que não abre mão do prazo de 88. Mas o povo brasileiro levantará sua voz para conquistar as eleições diretas-já."

Em Minas a divisão cria fraquezas

Na capital mineira, o dia internacional da solidariedade dos trabalhadores foi dividido: houve uma concentração no Parque das Mangabeiras e uma missa em Contagem, na Praça do Trabalhador.

Na primeira compareceram mais de 50 mil pessoas, mas apenas 2 mil ouviram os discursos, dado o clima de dispersão e a convocação pouco política. Aberto pelo secretário do Trabalho do governo Tancredo Neves, Ronan Tito, o ato foi frio. Apenas as denúncias da repressão policial-militar durante a vigília cívica do

dia 25 provocaram entusiasmo. A presidente do Sindicato dos Professores, Inês Teixeira, foi a mais aplaudida, ao dizer que "a presença do povo nas ruas é a única maneira de garantir a vitória nesta luta e impedir que vinguem as teses da conciliação com o regime militar".

Por fim, ocupou o microfone o governador Tancredo Neves, sob os gritos de "Não, não, não, à conciliação!". Respondendo às cobranças dos sindicalistas, Tancredo afirmou que "enquanto eu estiver no governo do Estado o direito e as liberdades democráticas serão plenamente assegurados". E agregou: "Não serão pequenos incidentes, que têm a minha repulsa, que impedirão a caminhada pela democracia e nem que o povo volte a se manifestar nas ruas".

Na missa em Contagem havia 5 mil pessoas, mas se dispersaram após o ato religioso, reduzindo a um fiasco o comício programado para depois.

Num ambiente de forte despolitização, quando o povo puxou a palavra de ordem "Diretas-já", o padre que apresentava os oradores contestou com "Emprego-já, comida-já".

As deficiências se impuseram no processo de preparação. As entidades sob direção mais conservadora, às vezes nitidamente vinculadas a interesses patronais e governistas, tomaram a dianteira das articulações e foram moldando um 1º de Maio pouco participativo, sem luta e num local distante. Para isto contribuiu também a desarticulação dos sindicatos mais representativos e consequentes e a pouca presença das entidades ligadas à CUT.

Goiânia dribla o general Cruz

Brasília, Goiânia e mais nove cidades goianas viveram este ano o 1º de Maio sob o estado de sítio, com as medidas de emergência do general Figueiredo em vigor. Mas em Goiânia os trabalhadores driblaram a lei de exceção, e comemoraram o Dia do Trabalhador escapando do açoitamento do general Newton Cruz.

Os goianienses realizaram o ato de 1º de Maio no município de Trindade, a 20 km de Goiânia. A tônica de praticamente todos os discursos foi a condenação das medidas de emergência e a continuidade da luta pelas diretas-já. Após a manifestação houve uma passeata de carros, de Trindade a Goiânia, que também percorreu as principais avenidas da capital. O ato contou com a participação de várias entidades sindicais, inclusive a Fetaeg. Também os partidos políticos e a UNE falaram na manifestação. O PC do Brasil saudou a data e conclamou à continuidade da luta contra o regime militar e pela conquista de amplas liberdades.

Em Brasília, os sindicatos, impedidos de comemorar o Dia do Trabalhador, emitiram um manifesto denunciando a proibição das manifestações e enviaram um seu representante para S. Paulo, para condenar nos atos do 1º de Maio a situação absurda vivida pelos trabalhadores do Distrito Federal.

Nordeste: o povo não esquece, PDS!

No Campo Grande, Salvador, os trabalhadores fizeram seu "1º de Maio pelas Diretas-Já" queimando os 21 deputados federais baianos como "Judas" que traíram a vontade dos brasileiros na votação da emenda Dante de Oliveira. Queimaram também um boneco do general Cruz e outro do FMI. Havia cerca de 3 mil pessoas na manifestação, promovida em unidade pela CUT-Bahia e pelo Comitê Pró-Diretas de Salvador. Enquanto os "Judas" pegavam fogo, os trabalhadores gritavam: "O povo não esquece, acabou o PDS!".

No interior baiano, o 1º de Maio foi comemorado sob o signo tanto das diretas-já como da suspensão das frentes de serviço, anunciada na manhã da própria terça-feira, como "presente" do governo Figueiredo aos trabalhadores rurais. Em Cícero Dias, cerca de 2.500 pessoas, na grande maioria camponeses, fizeram uma passeata pelo centro da cidade e um comício em frente à praça da Matriz. Em Juazeiro, Casa Nova, Itabuna, Vitória da Conquista, Jequié, Itaberava, Conceição do Jacuípe, Correntina e outros municípios interioranos houve concentrações. A Fetaeg-Bahia mandou representantes a várias delas, mas seu presidente, Estevam Nunes, preferiu assistir ao show "Emoções", de Roberto Carlos.

O 1º de Maio na Paraíba realizou-se em Alagoa Grande, em homenagem a Margarida Maria, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais daquele município, assassinada pelo latifúndio no ano passado. Cinco mil camponeses, aplaudiram os discursos de Alvaro Diniz, presidente da Fetaeg, Simão de Almeida, porta-voz da Intersindical, e outros oradores.

Em Fortaleza, fortes chuvas levaram ao cancelamento das comemorações pela manhã e impediram um grande comparecimento à tarde a Praça do Ferreira. Mesmo assim centenas de trabalhadores compareceram à concentração unitária promovida pela Frente Sindical e pela seção local da CUT. Em baixo do palanque, um caixão com um boneco dentro e cercado de coroas de flores trazia a inscrição: "Indiretas-Jaz".

No Rio Grande do Sul, o 1º de Maio foi fraco. A articulação intersindical de Canoas promoveu concentração com perfo de 200 presentes, e o Sindicato dos Jornalistas fez uma exibição do filme "Jango" (das sucursais)



À esquerda, a missa-comício na Matriz de São Bernardo; à direita, o 1º de Maio no Rio de Janeiro

